

DENISE GASSENFERTH

PRODUTIVIDADE LEXICAL:
COMPOSTOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Linguística de Língua Portuguesa, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Antonio José Sandmann

CURITIBA

1990

PRODUTIVIDADE LEXICAL: COMPOSTOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS

POR

DENISE GASSENFERTH

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, pela comissão formada dos professores:

Orientador: _____

Prof. Dr. Antonio José Sandmann

À Terezinha, Albertinho, Roberto, Iára,
Zu, Rodrigo, Patrícia, Guigo, Júnior e
ao César.
Sem vocês, nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento especial ao Prof. Dr. Antônio José Sandmann, orientador e amigo, pela confiança, disponibilidade e incentivo.

Aos colegas do curso de Mestrado pelo apoio, companheirismo e credibilidade.

Aos professores pela eficiência e orientação.

Finalmente, meu agradecimento à CAPES pelo auxílio financeiro que viabilizou este trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
INTRODUÇÃO.....	1
1 DERIVA SEMÂNTICA.....	6
1.1 A ALTERAÇÃO DO SIGNIFICADO.....	7
1.2 A ALTERAÇÃO PARCIAL DO SIGNIFICADO.....	11
1.3 NEOLOGISMOS A PARTIR DE NEOLOGISMOS.....	15
2 A METÁFORA E A METONÍMIA.....	21
2.1 METÁFORA.....	24
2.1.1 A Metáfora Propriamente Dita.....	25
2.1.2 O Eixo Paradigmático e o Princípio da Similaridade.....	30
2.2 A METONÍMIA.....	32
2.2.1 O Eixo Sintagmático e o Princípio da Contigüidade.....	35
2.3 A OCORRÊNCIA DE DUPLA CARGA FIGURATIVA.....	37
2.4 COMPOSTOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS NA NOMINAÇÃO DE SERES E COISAS.....	38
2.4.1 Compostos que Nomeiam Pássaros.....	39
2.4.2 Compostos que Nomeiam Indivíduos.....	39
2.4.3 Compostos que Nomeiam Folguedos.....	40
2.4.4 Compostos que Nomeiam Doces e Comidas.....	40
2.4.5 Compostos que Nomeiam Armas de Fogo.....	40

2.4.6	Compostos que Nomeiam Peixes.....	40
2.4.7	Compostos que Nomeiam Plantas e Árvores.....	41
3	ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DAS FORMAÇÕES	
	METAFÓRICAS E METONÍMICAS.....	42
3.1	COMPOSIÇÃO.....	43
3.1.1	Composto Versus Grupo Sintático Paralelo.....	44
3.1.2	Compostos Endocêntricos e Exocêntricos.....	47
3.2	ESTRUTURA DOS COMPOSTOS METAFÓRICOS E	
	METONÍMICOS.....	48
3.2.1	A Formação Substantivo + Substantivo (S+S).....	49
3.2.2	A Formação Substantivo + Preposição +	
	Substantivo (S+P+S).....	51
3.2.3	A Formação Substantivo + Adjetivo (S+A).....	52
3.2.4	A Formação Adjetivo + Substantivo (A+S).....	55
3.2.5	A Formação Verbo + Substantivo (V+S).....	57
3.2.6	A Formação Verbo + Verbo (V+V).....	59
3.2.7	As Formações Pronome + Substantivo (Pron. +	
	S), Numeral + Substantivo (Num. + S), Advérbio +	
	Adjetivo (Adv. + A), Verbo + Advérbio (V + ADV),	
	Substantivo + Verbo (S+V) e Outros.....	60
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
	NOTAS DE REFERÊNCIAS.....	65
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66

RESUMO

A metáfora trabalha com paradigmas, operando pelo processo de substituição, que age na área da similaridade. A contigüidade é o traço estrutural da metonímia, trabalhando ao nível do sintagma, operando pelo processo de combinação e unindo, pois, os constituintes lingüísticos sobre o eixo da combinação.

Em relação aos compostos, essas peculiaridades de ambas fazem com que a metáfora se torne de fácil percepção, o que não acontece com a metonímia.

Observaram-se, portanto, os tipos de formações de compostos mais comuns, discutindo suas formações tanto a nível sintático quando semântico.

Discutiu-se ainda a mudança de significado que uma palavra sofre no decorrer do seu uso, mudança essa total ou parcial. Essa discussão serviu de subsídio para o posterior estudo dos compostos figurativos.

O presente trabalho objetiva, então, a apresentação da análise da produtividade na formação de compostos metafóricos e metonímicos.

ABSTRACT

The metaphor works with paradigms, working by the substitution process, that acts in the area of similarity. The contiguity is the structural feature of metonymy, working at the syntagma level, working by the combination process and joining therefore the linguistic constituents on the combinations axis.

In relation to the compounds, these peculiarities of both the metaphor and the metonymy make the metaphor be of easy perception, what does not happen to the metonymy.

Afterwards, the more common types of compound formation were observed, their formations being discussed not only at syntactic level but also at semantic level.

It was also discussed the change of meaning that a word suffers during its use, this change being total or partial. This discussion supplied subsidy to the subsequent study of the figurative compounds.

The objective of the present study is the presentation of the analysis and the proving of productivity in the formation the metaphorical and metonymical compounds.

INTRODUÇÃO

A língua não é algo estático, parado. Seu poder de renovação é constante e é aí que o léxico entra como fator preponderante. É este léxico que irá revelar fatores culturais peculiares ao seu falante, como revelará também a sua criatividade. Parece-me, então, que através dos processos de formação de palavras e considerando o fator criativo, inerente à linguagem humana, poder-se-á chegar à competência do falante nativo no que se refere a sua linguagem.

Quando decidi me voltar para o estudo de neologismo, mais especificamente dos compostos metafóricos e metonímicos, parti do pressuposto de que esse modelo de formação de palavras é produtivo,* pois a competição lingüística entre esses dois procedimentos se manifesta em quase todo processo simbólico, quer seja subjetivo, quer seja social.

O presente trabalho objetiva, então, a apresentação da análise e a comprovação da produtividade na formação de neologismos dos compostos metafóricos e metonímicos, neologismos esses conhecidos por neologismos semânticos, por fazerem uso de significantes pré-existentes no léxico da língua. Quero dizer com isso que os elementos formadores de uma nova palavra, no caso específico deste trabalho, são elementos livres e não

*A respeito de **produtividade**, ver pag. 48 deste trabalho.

elementos fixos, como os são, na sua maioria, os prefixos e sufixos.

Portanto, as metáforas e metonímias a serem apresentadas serão aquelas que chama de **metáfora-palavra** e **metonímia-palavra**, diferentemente da metáfora ou metonímia contida no enunciado, ou metáfora ou metonímia de estilo, como também são conhecidas. Na tentativa de me tornar clara, tomemos a frase *Meu coração palpitante era um pássaro apanhado numa armadilha*¹ (mentalmente, seu coração estava tão inquieto quanto um pássaro preso) ou ainda o verso de Carlos Drummond de Andrade *O tempo é uma cadeira ao sol*, e mais outro, do mesmo autor, *O bonde passa cheio de pernas; pernas brancas pretas amarelas*. Pode-se perceber nos dois primeiros exemplos uma comparação mental, permitida pela similaridade subjacente aos exemplos. No terceiro, há uma relação de contigüidade expressa pelo tema *perna*, que na realidade é o indicador de vários indivíduos. *Perna* é uma parte de um todo, o indivíduo. Mas, como já foi dito, não serão esses os tipos de construção os abordados neste trabalho.

Já nos exemplos *Ela é uma onze-letras*, *Comi um mil-folhas*, *Não gosto de que o chamem de barriga-verde*, podemos ter a elucidação de qual é, exatamente, a base desse trabalho. Os compostos metafóricos *onze-letras*^{*} e *mil-folhas*^{**} e o composto metonímico *barriga-verde*^{***} são, então, exemplos do que chamo **metáfora-palavra** e **metonímia-palavra**.

*Alcoviteira.

**Doce de massa folhada.

***Catarinense.

A forma de tratamento proposta neste trabalho, quer por seu objeto quer por seu método, é a adotada nos livros "Teoria Lexical", de Margarida Basílio, e "Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo", de Antônio José Sandamnn, por entender que esses dois livros abordam a formação de palavras de uma forma adequada e bem próxima do meu objetivo.

BASÍLIO⁵ discute, no princípio de seu livro, alguns tipos de abordagens gramaticais: a tradicional, a estrutural e a gerativa. Segundo ela, as gramáticas tradicionais não se preocupam muito com a formação de palavras, tendo apenas o cuidado de enumerar processos e listar exemplos. Nessas gramáticas, o termo **formação** tem duas interpretações, diz ainda. Uma primeira, que é uma interpretação ativa, ou seja, o termo se refere ao processo de formar palavras. Há ainda uma interpretação passiva, em que o termos se refere à maneira como as palavras estão constituídas. BASÍLIO⁵ afirma que é a segunda interpretação a seguida pelas gramáticas tradicionais, já que essas têm a função normativa, segundo a qual não caberiam formas novas na língua enquanto objeto de prescrição (16).

Em relação à abordagem estruturalista, BASÍLIO⁵ assevera que o maior problema desta reside no conceito básico de morfema. Há uma preocupação estruturalista na análise morfológica, que é a de apenas estabelecer formulações gerais que correspondessem às formações já existentes na língua (18). Diz ainda que nesta teoria o morfema é definido em relação ao significado, criando um entrave, já que no léxico as palavras apresentam um significado global, que não é necessariamente uma função exclusiva dos significados das partes. Como consequência, muitas vezes não podemos isolar o significado das partes do

significado global, ou seja, muitas vezes temos elementos constituintes de palavras que não podem ser definidos em termos de significado (18).

Ao discutir a abordagem gerativa dada à formação de palavras, BASILIO⁵ afirma que a teoria gerativa transformacional, num primeiro estágio, não se preocupou muito com os problemas morfológicos. Com o desenvolvimento da teoria o léxico 'cresce' de importância e passa a ser estudado com maior atenção. No entanto, as correntes dominantes ao desenvolvimento da teoria gerativa não são propícias a um desenvolvimento adequado de uma teoria das formações lexicais, por ser a teoria centralizada em sintaxe: observou-se sistematicamente nessa teoria uma contínua tentativa de extrapolação de princípios sintáticos para a descrição de processos de formação de palavras, o que, naturalmente, dificulta o desenvolvimento de estudos de cunho lexical propriamente dito (19).

A grande contribuição desta teoria seria a mudança de perspectiva, pois passa a ter a gramática de competência como foco da descrição lingüística.

O livro de SANDMANN⁴³ segue a tradição de se ocupar com o lado sincrônico da formação de palavras. Considera a abordagem transformacionista ultrapassada e insuficiente, pois trata as palavras complexas como orações intercaladas. Assevera que a abordagem lexicalista da formação de palavras é elucidadora em certos aspectos, pois ergue seu edifício teórico sobre a base do léxico (4). O que o levou a considerar esta abordagem mais apropriada, mas mesmo assim inadequada por não considerá-la suficientemente desenvolvida, foi o fato de os lexicalistas considerarem que (...) as palavras complexas não têm a mesma origem que frases; que as regras de formação de palavras, diversamente das regras de sintaxe, apresentam lacunas; que as palavras têm função denominadora ou designativa, enquanto frases afirmam; que palavras novas evocam, mais do que frases novas, a impressão de 'novidade'; que as palavras, diferentemente das frases, formam um inventário e que

por isso estão sujeitas ao longo do tempo a mudanças e evoluções, conhecidas de maneira geral como lexicalização ou idiomatização (4).

Como parti do pressuposto de que os compostos metafóricos e metonímicos são produtivos, sendo a análise e a comprovação desta produtividade o objetivo deste trabalho, como já foi dito, não me baseei em nenhuma teoria na sua integridade, seguindo a postura de BASILIO e SANDMANN. Com o término deste e seu objetivo alcançado, será, então, o momento adequado para inseri-lo em uma teoria, que acredito, deverá ter como base principal a semântica.

O corpus deste trabalho foi formado principalmente com a coleta de compostos figurados permitida pelo Novo Dicionário Aurélio, edição de 1986. Integram também o trabalho a observação de jornais, tanto escritos como televisivos, revistas, o livro "Os Bichos na Fala da Gente", de Mauro Mota, e ainda a minha observação constante de falante nativa da língua.

A grande maioria dos compostos, provavelmente, não trarão a sensação de novidade, uma vez que muitos fazem ou fizeram parte de nosso dia-a-dia.

A divisão do presente trabalho inicia-se com uma Introdução (Capítulo 1), seguido de A Deriva Semântica (Capítulo 2), A Metáfora e a Metonímia (Capítulo 3) e Aspectos Sintáticos e Semânticos das Formações Metafóricas e Metonímicas (Capítulo 4). É finalizado com uma Conclusão (Capítulo 5) e Referências Bibliográficas.

1 DERIVA SEMÂNTICA

A renovação do vocabulário das línguas é um constante operar e surgimento de novas palavras é provocado segundo as necessidades e convenções de um grupo sócio-cultural, refletindo, na maioria das vezes, a visão de mundo desse mesmo grupo, estabelecendo-se uma relação entre língua e sociedade.* Conseqüentemente, seria ingenuidade não se perceber que as palavras sofrem modificações ao serem atualizadas.

Parece-me, então, que é o fator semântico que interfere sobremaneira no processo lexical. O fato de se adaptarem ao mesmo significante significados novos é uma conseqüência do próprio dinamismo da língua, utilizada nos mais diferentes meios sócio-culturais e em situações das mais diversas.

Não me é possível neste trabalho detalhar todas as causas desse mecanismo, pois exigiria que se analisasse todo o complexo psicossocial que define as circunstâncias em que ele ocorre. Limitar-me-ei, portanto, às conseqüências da mudança semântica.

*Para exemplificar, na campanha política realizada no final de 1989, surgiram as palavras "AFIFAR", relacionada ao candidato Afif Domingos, "COLLORIR", referindo-se ao candidato Collor de Melo, e "TUCANAR", verbo formado a partir do símbolo do partido PSDB, o tucano.

1.1 A ALTERAÇÃO DO SIGNIFICADO

De todos os elementos que compõem o código lingüístico, o significado parece ser o mais sujeito a mudanças. Uma palavra pode adquirir um significado novo, ou vários, e, mesmo assim, não perder o seu significado original. Algumas dessas inovações são acidentais, de duração efêmera e não passam de um ato de fala. Outras se transformam em fatos da língua e estarão em contínua mudança, dando origem a uma ou outra forma de polissemia. As palavras adquirem essa polissemia por uma série de modificações tiradas do conjunto lexical, formuladas pelo locutor e ligadas à situação de elocução. Se partirmos do princípio de que a palavra possui significação quando há correspondência entre o símbolo, a idéia, a emoção e o conjunto fonético correspondente, poderíamos crer, prematuramente, que para cada imagem verbal existirá apenas um vocábulo, quando já sabemos de antemão que a mente humana sabe relacionar um único vocábulo com várias imagens verbais, expressando através dessas variações de significação alterações nos hábitos de simbolização e de referência dos grupos sociais.

O falante pertence a um grupo social, como já foi dito, em que interferem vários usos da linguagem, e do qual ele faz o seu próprio uso. Sendo assim, certas situações praticamente exigem que ele se utilize desse recurso concedido pela língua e se permita uma inovação semântica, pois o elemento afetivo, dependendo do contexto, das associações correlatas, é o grande fator das alterações semânticas (SILVEIRA BUENO,⁴⁴(71)).

A existência de vários significados para certas palavras é fato incontestável na língua e esse processo de enriquecimento que as palavras sofrem continuará, à medida que essas mesmas palavras forem sendo continuamente usadas e atualizadas, em outros contextos. Ao serem atualizadas, essas palavras, que possuíam determinado significado, em diferentes contextos, passam a ter novos traços. Ao se unirem em combinatórias inesperadas ou inéditas, os signos já existentes no código com outros signos, chega-se, de maneira quase imperceptível, a um neologismo semântico." De certa maneira, é a atualização, o emprego freqüente de uma entidade lexical em diferentes contextos e com diferentes combinações que provoca o neologismo. Parece, então, que são os contextos enunciativos que propiciam a situação ideal para a criação de uma nova palavra. É, pois, nesse contexto enunciativo a que me referi que surgem os neologismos metafóricos e os neologismos metonímicos.

Sendo a palavra um reflexo de uma entidade na qual fatores fonéticos, psicológicos e sociais interferem, podemos perceber que estes mesmos fatores serão as causas principais e determinantes das variações de seu significado."

Uma das principais causas de alterações semânticas reside na associação entre percepção e correlação de idéias pró-

*SILVEIRA BUENO** (29) distingue o neologismo em dois tipos: o primeiro, chamado **neologismo completo**, é aquele que surge espontaneamente, sem apropriação de elementos preexistentes na língua; o segundo, em oposição a este é chamado **neologismo incompleto**, é o que se apropria de elementos já existentes na língua, e que é, portanto, o mais comum, principalmente em se tratando de compostos. O termo **neologismo** a que me refiro é o que consta no **Aurélio**, 'palavra, frase ou expressão nova, ou palavra antiga com sentido novo'.

**Como alteração de significado entende-se toda e qualquer alteração no significado de uma palavra, seja para mais ou para menos, seja por oposição ou por semelhança, dando-se, portanto, uma substituição entre várias significações correlatas.

prias de um indivíduo. Não lhe sendo possível para cada idéia, para cada emoção, para cada objeto criar uma palavra especial, o ser humano costuma atribuir a um mesmo vocábulo várias outras significações.

Conseqüentemente, é-nos raro encontrar uma palavra que não tenha, em torno do significado principal ou primeiro, várias outras significações, pois o significado de uma palavra encerra quase sempre várias notas, tão intimamente conexas, que umas participam das outras, podendo sempre o espírito humano distinguir a básica da secundária e acidentais (SILVEIRA BUENO,⁴⁴(110).

Num bom número de vezes, é essa significação secundária ou acidental que perdura, perdendo-se no tempo o significado primeiro ou primitivo.

Esse trabalho de associações de idéias é feito, a princípio, individualmente, para depois se tornar coletivo. Para exemplificar, o composto testa-de-ferro, 'indivíduo que se apresenta como responsável por empreendimentos ou atos de outrem', foi formado a partir da significação de testa "fronte" no português atual, mas que vem do latim testa "barro cozido, telha, louça de barro, concha, caco" e sendo, portanto, uma ex-metáfora, nascida, cita FRIEDRICH DIEZ,⁶ segundo uma comparação popular e grosseira, que já tomou a sua origem na baixa latinidade, quando se empregava testa para 'crânio', 'cachola'. Foi o significado metafórico de testa que perdurou, perdendo seu significado primitivo qualquer significação.

Foi através de uma significação metafórica antiga que se formou a significação figurativa do composto testa-de-ferro.

Há ainda, ao lado desse processo de associação de idéias, outro processo que contribui muito para a alteração do significado de uma palavra, que é a substituição.

Certas palavras, quer por delicadeza social, quer por preceitos religiosos ou por superstição, sofrem o processo chamado eufemismo, ou seja, ao se substituir uma palavra considerada brusca por outra mais branda atenua-se a idéia original.

Uma das palavras que mais sofre esse processo é diabo ou demônio, que possui compostos metafóricos pitorescos para denominá-lo: bicho-preto, bode-preto, cabeça-de-cuia, cão-miúdo, cão-tinhoso, capa-verde, coisa-ruim, gato-preto, grão-tinhoso, moleque-do-surrão, não-sei-que-diga, pé-de-pato, pé-de-peia, pedro-botelho, porco-sujo, entre outros.

O fundamento psicológico que rege essas mudanças de significação não é a causa eficiente das alterações semânticas, segundo SILVEIRA BUENO⁴⁴(74)

Não é a condição psíquica do homem considerado individualmente que determina todas essas substituições, associações e restrições de símbolos, mas a sociedade. Quer-se com isto dizer que o indivíduo, sozinho, não procura todo esse jogo vocabular, para a expressão de suas idéias. Se o faz, é premido pelos princípios gerais pelos quais se rege a coletividade a que ele pertence. Portanto, a causa última e realmente eficaz é a sociedade.

Assim sendo, a impossibilidade de se criar para cada referência um símbolo adequado e próprio e a imprecisão do significado, ou melhor, dos limites de flutuação do significado básico de cada símbolo ou palavra, e, ainda, a parte psicológica do indivíduo, por meio de associação de idéias, de aproximações significativas, onde se vão aplicando a nossas referências antigos símbolos, desde que entre ambos haja paralelismo ou aproximações de significação, são os fatores que contribuem enormemente para a alteração do significado.

1.2 A ALTERAÇÃO PARCIAL DO SIGNIFICADO

Em certos contextos, ocorre a mudança parcial da classe de uma palavra, mudança essa de fundo metonímico como, por exemplo, ocorre com as palavras novidade e intelectualidade.

O substantivo abstrato novidade 'qualidade do que é novo', em certos contextos, passa a significar e a funcionar como substantivo concreto, tomando então a significação 'aquilo que é novo, coisa nova, inovação'. A partir da significação imposta pelo substantivo concreto é que se pôde formar o substantivo novidadeiro 'que ou aquele que gosta de contar novidades'. O mesmo ocorre com a palavra intelectualidade 'as faculdades intelectuais', um substantivo abstrato, que passa a funcionar, novamente em determinados contextos, como substantivo concreto, com o sentido 'conjunto de intelectuais'.

A título de curiosidade, resolvi observar palavras que como essas, tivessem o sufixo-idade na sua composição. Surgiram então outros exemplos de substantivos abstratos, como capacidade, disponibilidade, escolaridade, facilidade, generosidade, individualidade, mocidade, raridade, suavidade, entre outros, que também possuem essa característica: passam de substantivos abstratos para substantivos concretos, sempre em determinados contextos.

Na busca da significação desse sufixo, pude perceber que, a princípio, não é ele o causador dessa mudança, pois, segundo CUNHA,⁴⁴(95) este sufixo forma substantivos de adjetivos: os substantivos derivados, geralmente nomes abstratos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser. Ou seja, a princípio este sufixo forma realmente substantivos abstratos, como demonstram os exemplos acima, mas à

medida que essas palavras foram sendo utilizadas pelo usuário da língua, passaram de uma significação abstrata para uma significação concreta, significação essa adquirida com seu uso, e não imposta pelo sufixo. Muitos outros afixos, sufixos e prefixos, têm o poder de modificar a significação de uma palavra, mas ao se anexar um afixo qualquer a uma determinada palavra, dando-lhe, então, um determinado significado, nada garante que esse significado não sofrerá alterações.* Em caso contrário, ou seja, a palavra ao ser utilizada e sendo alterada na sua significação, mas não perdendo, no entanto, a sua semântica original, pode nos dar uma pista certa para a resposta por que formamos neologismos. Quanto a essa afirmação, assevera Basílio⁵(10):

O mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos que sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos.

O que provocou a mudança de significação, em determinados contextos, desta pequena amostra de palavras, provoca também, de maneira diferenciada, a alteração do sentido em palavras como concentração, encanamento, estacionamento, julgamento, programação, recepção, entre outras. Concentração, estacionamento e recepção deixam de ter uma significação primeira de 'ato de' para assumirem a de 'lugar onde'; encanamento, julgamento e programação perdem também a significação 'ato de' e passam a significar 'conjunto de'.

*Para um estudo mais aprofundado sobre a atuação de afixos na produção de palavras, ver SANDMANN;⁴⁴ para um estudo mais aprofundado sobre a variação do significado (abstrato-concreto) dos substantivos formados por acréscimo de-"idade", ver BASÍLIO⁶ (47).

A título de esclarecimento, os sufixos -ção e -mento juntam-se a verbos com o intuito de formar palavras que indicam ação ou resultado da ação. Novamente o processo que aqui atua, ampliando a significação das palavras por fatores que levam a um sentido primeiro, "abstrato", para um sentido segundo, "concreto", é um processo metonímico. Em congruência com o que foi dito anteriormente, o que modifica a semântica da palavra, nestes casos específicos, não é o sufixo. Este pequeno rol de palavras, com essas 'segundas' significações, já está incorporado ao vocabulário da língua, não podendo, portanto, serem mais consideradas neologismos semânticos.

Por outro lado, em certas situações, aos invés de alterarmos, total ou parcialmente, o significado de um vocábulo, substituindo-o de maneira gradativa por outros secundários, toma-se o significado principal deste e se acrescentam outros que o especializam, dando-lhe um significado especial, de acordo com o meio social em que esta especialização é empregada.

A palavra cabeça, por exemplo, dependendo da situação e do meio social em que está sendo utilizada, trará consigo alguma coisa a mais que lhe dará um aspecto próprio, especial. O arquiteto se referirá a cabeça, em determinados contextos, como a 'pedra maior e mais resistente, que se coloca em pontos submetidos a maiores esforços, nos maciços de alvenaria', enquanto o bibliotecário, ao se referir a cabeça, remeter-se-á a parte superior do livro, de sua encadernação ou de sua lombada, de uma página ou de uma tabela'; em contrapartida, o tipógrafo usa o termo cabeça para designar 'a peça que compõe o

espaçador da linotipo e onde desliza o cursor'; para o marinho, cabeça é 'a proa', enquanto em uma situação adversa, cabeça é 'o chefe, o dirigente, o líder'. A palavra cabeça possui ainda um bom número de designações para cada ituação, mas a realidade é que ela não perderá, em qualquer situação e meio social, seu sentido primeiro e principal.

Um outro exemplo, dentre uma centena de outros mais, é a palavra desenvolvimento 'ato ou efeito de desenvolver-se, desenvolvimento', que para o músico designa 'parte duma peça em que um elemento temático é desenvolvido em suas possibilidades musicais', enquanto para o matemático é a representação duma expressão analítica mediante uma soma finita ou infinita de parcelas que se obtêm por meio de regras apropriadas', e que, por outro lado, um topógrafo usa para estabelecer o 'cumprimento, extensão efetiva (de uma estrada)'. O uso especializado ou restrito da palavra desenvolvimento não altera seu significado primeiro, mas, como no caso da palavra cabeça, essas especializações de sentido terminam por enriquecer o vocabulário de numerosas significações.

Para finalizar o registro desses fenômenos lingüísticos, transcrevo a asseveração de SILVEIRA BUENO⁴⁴(120-1):

Se as meras circunstâncias materiais, situação geográfica, feito histórico, acomodação social de grupos, ofícios e profissões, podem restringir o termo, dando-lhe depois significados novos, muito mais ativos são ainda os efeitos da sentimentalidade, quer individual quer social. As palavras são envolvidas numa certa aura de vilania ou de nobilitação que determinam não só novos significados, mas podem determinar também o desaparecimento do vocábulo.

1.3 NEOLOGISMOS A PARTIR DE NEOLOGISMOS

Pareceu-me adequado discutir nesse momento, embora não exaustivamente, o sentido, figurado ou não, de uma palavra ou que um neologismo pode adquirir em determinadas situações, pois nesse subcapítulo, "Neologismos a Partir de Neologismos", será iniciada, pode-se dizer assim, a discussão propriamente dita de palavras e neologismos que atuam com sentido figurado.

Então, uma palavra que aparece em determinado contexto em seu sentido original, impessoal, independente desse contexto, prevalece a função ou sentido denotativo. E em uma palavra que aparece com seu significado alterado, passível de interpretações diferentes, dependente do contexto em que for empregada, prevalece o sentido ou a função conotativa.

A esse respeito, fala-nos com maior propriedade FRANCISCO DA SILVA BORBA⁴⁴(27-8):

A denotação é a extensão do conceito, o conjunto de objetos do qual esse conceito é o atributo em contraste com a conotação, que é a compreensão do conceito, ou seja, o conjunto de traços que a ele pertence. Em semântica, a denotação aparece como significação básica, independente do contexto, e a conotação como significado contextual, isto é, como conjunto de associações que a palavra desperta em várias direções. A denotação é, portanto, primária em relação à conotação, que abrange representações secundárias evocadas por uma palavra. Enquanto a denotação, sendo objetiva, é válida para todos os falantes, a conotação, como conjunto de valores subjetivos ligados a um termo, varia segundo os falantes.

Tomando como exemplo a frase "Ele é o pombo-correio da organização," pode-se perceber que este composto metafórico está sendo empregado no sentido conotativo, isto é, deixou de ser

⁴⁴'Pessoa que dá recados e desaparece'. Rede Globo, Novela "O Salvador da Pátria", em 26.04.89.

um signo lingüístico definido em termos de normas lingüísticas para ser um signo com toda a estrutura do contexto, criando, desse modo, um referente novo.

COHEN¹³(173), que atribui a esse tipo de formação metafórica o nome de metáfora poética, diz que esse tipo de ocorrência se deve à passagem da língua denotativa para a conotativa, passagem obtida por meio do desvio da fala, que perde seu sentido ao nível da primeira para reencontrá-lo ao nível da segunda. Esse tipo de metáfora não se apóia em fatores objetivos, ontológicos, mas em fatores subjetivos, ideológicos, idiossincráticos e conotativos (FILLIPACK²⁰(70)). Estabeleceu-se um elo mental entre duas realidades distintas e fundiu-se uma imagem subjetiva.

ECO¹⁸(42) diz ainda que a conotação é o conjunto de todas as unidades culturais que uma definição intencional do significante pode pôr em jogo; e é, por conseguinte, a soma de todas as unidades culturais que o significante pode revocar institucionalmente à mente do destinatário.

Dessa forma, a denotação, que é assimilável à função referencial da língua, corresponde a uma realidade extralingüística, ou seja, ela é informativa. As conotações, então, são consideradas como significações suplementares que se superpõem à língua descrita nos dicionários e nas gramáticas, dando à mensagem uma coloração específica. HJELMSLEV²⁴(125) assevera ainda que uma linguagem de conotação não é uma língua. Seu plano de expressão é constituído pelos planos de conteúdo e de expressão de uma linguagem de denotação; é, pois, uma linguagem em que um dos planos, o de expressão, é uma língua.

A respeito do que foi dito anteriormente, mais especificamente sobre sentido conotativo, que é nesse trabalho o foco de interesse como um todo, pois trata-se de um estudo sobre alguns tipos de linguagem figurada, diz MOISÉS:²⁸(128)

A conotação designa os vários sentidos que o signo lingüístico adquire no contato com outros signos dentro do texto: por contigüidade, o sentido primitivo ou literal (denotativo) se altera e se amplia, tornando-se polivalente.

A conotação depende do contexto e exercita-se no âmbito da fala (na clássica nomenclatura saussuriana), enquanto a denotação se move no perímetro da língua.

Acredito, então, que se possa afirmar que o sentido denotativo ou o conotativo estarão condicionados ao princípio de que um não pode funcionar sem o outro, ambos constituem as duas faces de uma realidade e que toda decodificação será obrigatoriamente duplicação translingüística, uma vez que se passa através da língua para atingir a conotação e a constrói lingüisticamente, para remontar á superfície da denotação - trata-se, em suma, não de reescrever mas de reencontrar.³

Volto-me agora, então, para a discussão específica que será tratada nesse capítulo.

Após o ato de criação, o neologismo, entendido como é apresentado no Aurélio, precisa ser aceito pelo destinatário para que possa ser inserido no conjunto das unidades lexicais memorizadas. Uma vez criado, o neologismo só passa a ser neologismo se seu uso se generaliza a ponto de ser um modelo disponível a pelo menos um conjunto de indivíduos.

É no meio social que se processa o julgamento da aceitabilidade, e isso depende não apenas da vontade de cada falante, como também de um consenso social e cultural, que populariza ou faz rejeitar certas novidades. Uma das primeiras condições para que elas sejam aceitas é, pois, o seu emprego por vários locutores. (BARBOSA*(144)

Portanto, com seu uso contínuo e sua compatibilidade com a língua, o neologismo acaba se impondo.

Como a criação de neologismo metafóricos e metonímicos se apresenta fértil, ela gera, por consequência, um fenômeno lingüístico que merece ser apresentado. Certos neologismos fi-

gurativos foram criados a partir de neologismos figurativos surgidos anteriormente. Por exemplo, a palavra barbeiragem 'impe- rícia', só existe porque a palavra primitiva da qual essa de- riva é barbeiro, no seu significado 'mau condutor de veículo; in- divíduo inábil no seu ofício'. À palavra barbeiro foram adaptados significados novos, e foi através de um desses novos signifi- cados para o mesmo significante barbeiro, significado esse figu- rativo, que foi possível a criação do neologismo barbeiragem. O mesmo aconteceu com a palavra picareta 'indivíduo que usa de em- bustes para alcançar favores', que proporcionou a criação de picaretagem 'expediente ou embustre de picareta'. Não foi do sig- nificado primeiro de picareta 'ferramenta de ferro' que se formou picaretagem, mas sim do significado figurativo. Prova disso é que não se criou machadagem, foicagem, etc.

Outras palavras mais podem nos servir de exemplo para a comprovação de que certas lexias possuem determinados signifi- cados porque houve, anteriormente, um processo natural da lín- gua que permitiu a criação de significados figurativos, como, para confirmar, a palavra pentelho, 'cada um dos pelos do púbis; o conjunto desses pêlos, e que, recentemente, recebeu a signi- ficação figurada de 'indivíduo chato, que incomoda', e que permitiu, através de sua significação figurada, a criação de pentelhar, pentelhação, pentelhagem, pentelhice. Outro exemplo é baixo 'gros- seiro, de má qualidade', que formou baixaria 'muitas coisas ruins ou de mau gosto reunidas', de urubu 'aquele que fica torcendo para que certa situação não dê certo', formou-se urubuzar; de má- quina 'revólver', maquinado 'que está armado com revólver'; de baiano 'indivíduo fanfarrão, pachola', baianada, 'ação des-

leal, sujeira'; de sarna 'indivíduo que incomoda', sarnear 'incomodar'; de peruca 'mulher metida a ser e saber de tudo', fez-se peruada 'várias perucas reunidas'; do composto dedo-duro 'delator', fez-se dedurar e deduragem; de bode 'situação difícil, sonolência, confusão', fez-se bodeado.

Uma série de outros exemplos poderia nos comprovar como esse processo é produtivo e criativo, mostrando que o processo de formação de palavras não acaba na produção de um neologismo, pois esse neologismo pode provocar o surgimento de novos termos e assim sucessivamente. E é a esse tipo de criatividade que me refiro, não a confundindo com a do aspecto original e criativo que marca cada frase atualizada pelos falantes de uma língua. Todo ato de fala é inédito do ponto de vista do contexto extralingüístico e das diferentes combinações que se fazem a partir das unidades lexicais disponíveis no sistema, comuns a todos os falantes. Mas a criatividade relacionada à combinação de palavras em uma frase não tem a mesma natureza da criatividade que envolve o aparecimento de um novo significante (ou significado), natureza essa que é a formação de um novo elemento lexical e o aspecto criativo que envolve o discurso.

A diversidade de fatores que implicam a semântica de uma palavra, novamente em determinados contextos, não poderia ser discutida aqui, pois não é esse o intuito do presente trabalho. Um estudo semântico e pragmático profundo poderia nos dar respostas bem mais completas e nos mostrar fatos e ocorrências bem mais palpáveis.

O estudo da formação de palavras é um campo extremamente vasto e, como já foi dito, o foco principal deste trabalho é a produtividade lexical relacionada à formação de compostos metafóricos e metonímicos. Mas, em relação a essas particularidades da língua, particularidades essas que permitem a mudança de significação de uma palavra sem lhe alterar a forma, ressalto ainda a observação de JAKOBSON:²⁷(116)

Um símbolo, por exemplo uma palavra, é uma "regra geral" que só preenche sua função significante através de diferentes casos particulares aos quais se aplica, a saber, as réplicas, enunciadas ou escritas, os quais são da ordem das coisas. Por mais variadas que sejam tais encarnações da palavra, esta permanece, em todas as ocorrências, "uma só e mesma palavra".

2 A METÁFORA E A METONÍMIA

A competição entre as figuras de linguagem metáfora e metonímia se torna manifesta em todo processo simbólico, quer seja subjetivo ou social.

Há, entretanto, uma rica bibliografia sobre a metáfora, fato que já não ocorre com a metonímia, que, segundo JAKOBSON⁶⁶(61) desafia facilmente a interpretação.

A metáfora trabalha com paradigmas, operando pelo processo de substituição, que age na área da similaridade (ver 3.1.2). A contigüidade é o traço estrutural da metonímia, trabalhando no nível do sintagma, operando pelo processo de combinação, unindo os constituintes lingüísticos sobre o eixo da combinação.

A metáfora caracteriza-se pela relação de similaridade e é percebida imediatamente como um elemento estranho à isotopia de um texto ou contexto onde se insere, porque ela se apresenta como incompatível em relação à homogeneidade semântica do contexto em que ocorre. Já a metonímia, que se fundamenta numa associação de contigüidade, provoca um deslocamento de referência, manifesto pelo contexto onde se ocorre o processo metonímico.

Segundo JUBRAN⁶⁹(29), o papel do contexto é, geralmente, o de explicitar o desvio de referencialidade operado pela metonímia, delimitando o significado em causa e reduzindo qualquer

risco de ambigüidade semântica. Assim, o contexto, embora deixe entrever as relações associativas que originam uma metonímia, esclarece sobretudo o resultado do processo.

A relação de similaridade é uma relação interna, agindo no campo mental, com campos semânticos distintos, enquanto a metonímia se constrói sobre um único campo semântico, ocasionando uma mudança parcial de sentido.

Segundo FILLIPACK²⁰ (139) enquanto a metáfora trabalha com semas intralingüísticas (relações internas), a metonímia trabalha num processo referencial, com relações ontológicas, isto é, com realidades, objetos extralingüísticos (relações externas). Enquanto a metáfora mergulha no mundo interno da intuição, a metonímia se resolve nas realidades ontológicas do mundo exterior.

Ambas diferem ainda dos tipos de processos, segundo LAKOFF and JOHNSON:²⁰ (36)

Metaphor and metonymyn are different "kinds" of process. Metaphor is principally a way of conceiving of one thing in terms of another, and its primary function is understanding. Metonymyn, on the other hand, has primarily a referential function, that is, it allows us to use one entity to "stand for" another. But metonymyn is not merely a referential device. It also serves the function of providing understanding.

Como será dito no subcapítulo 3.2 deste trabalho, a metonímia, em termos de produção de palavras, é mais obscura, desafiando nossa interpretação. A metáfora, ao contrário, a facilita pelo seu caráter referencial, relacionando-se com o mundo a que se refere de uma forma bem mais direta. A metonímia, na combinação de paradigmas, de signos, fornecidos pela mente do falante, esquematiza-os num sistema linear, de um lado ao outro, em oposição de sentido, num esquema de contigüidade ou vizinhanças sintáticas.

O eixo metonímico se constrói fundamentado na relação de contigüidade semântica e é essa relação de contigüidade que exige um processo mental mais específico do falante.

É perfeitamente compreensível, no meu ponto de vista, inferir-se que o composto metafórico - denominando um inseto - louva-a-deus foi criado pela semelhança entre a postura do inseto e a postura de alguém em oração. Já um composto metonímico como vira-bosta, composto esse que denomina um pequeno pássaro (e também um besouro), requer uma explicação mais específica: esse pequeno pássaro tem por costume revirar os excrementos de animais no campo para alimentar-se de fungos e vermes que se criam nesse ambiente. Por uma relação de contigüidade, podemos fazer a dedução: ele vira a bosta, ele é um vira-bosta.

Parece-me, portanto, que a metáfora supre a carência lexical verificada no universo das coisas, ao usar o critério das semelhanças de forma e função, de uma maneira mais simples do que a metonímia, que, por trabalhar com relação de contigüidade, exige, como já foi dito, um processo mental do falante mais elaborado, tornando mais dificultosa a formação e, em certos contextos, a percepção de compostos metonímicos.

BREDIM¹⁰(101) propõe ainda um parecer muito próprio na distinção da metáfora e da metonímia:

A metaphor is understood by virtue of its own semantic structure; if it asserts a similarity between things (a sleeping head, a poppy), this is something that may strike us for the first time, but which is none the less intelligible for that. But if I use metonymic "crown" or "sceptre" for the institution of monarch, the auditor must already know of the close connection between these objects and the institution. If he does not, he will fail to understand. Metaphor "creates" a knowledge of the relation between its objects; metonymy presupposes that knowledge.

2.1 METÁFORA

Muito se tem dito sobre a metáfora. Meu interesse nesse subcapítulo será discuti-la em termos gerais, sempre com a atenção voltada para a produção de palavras. Portanto, a metáfora a ser estudada por mim será a metáfora-palavra, não a metáfora contida no enunciado.

Quando se observa uma frase do tipo Afoguei-me naqueles olhos de melão podemos perceber que há uma metáfora na comparação de olhos de melão com a cor marrom, característica dos olhos castanhos. Não será, entretanto, esse o tipo de metáfora a ser estudado.

Apesar de nesse tipo de construção imperar também a relação de similaridade, relação esta que constitui o eixo paradigmático da linguagem e que será discutido sistematicamente a seguir, isto não é formação de palavras; ou seja, a expressão metafórica olhos de melão não é uma palavra, mas sim um substantivo seguido de uma preposição e outro substantivo que substituem a palavra "normal" castanho. Houve a substituição para a produção da linguagem figurada, mas não houve a formação de uma nova palavra.

As frases Ele é uma girafa e Ele é um pau-de-amarrar-tripa não possuem diferenças em relação à linguagem metafórica, pois se examinarmos qualquer metáfora veremos que o princípio que a rege é uma comparação. O fato de um dos termos dessa comparação não aparecer expresso, mas apenas evocado não destrói a essência da comparação que o espírito conclui, embora evocando o termo oculto (SILVEIRA BUENO⁴⁴(145)). Voltando aos exemplos acima, ambas as frases mostram uma comparação mental

do indivíduo com a coisa comparada (ele é alto e magro), comparação permitida pela similaridade subjacente. A grande distinção entre essas duas formações metafóricas está no fato de que na segunda houve produção lexical, enquanto na primeira não. Fez-se necessária esta distinção para reafirmar a preocupação primeira deste trabalho, que é a formação de palavras. Para reafirmar, a essência da metáfora está na aplicação de um símbolo por outro, mas, de ordem diferente, aplicação baseada em qualquer ponto de semelhança donde surge a comparação e que o princípio de similaridade, a ser visto em seguida, explica.

2.1.1 A Metáfora Propriamente Dita

Segundo JANUS and BEVER⁸⁹(475), os estágios pertinentes para o acontecimento da metáfora são três:

First, an individual constructs a mental representation of the literal interpretation of a word or sentence. Second, he tests this interpretation against the context to determine its plausibility and appropriateness. If it is plausible and appropriate within the context, it is accepted as the intended meaning. However, if it is not deemed appropriate, it is rejected as the intended interpretation. Third, if rejection occurs, a new interpretation is derived from the literal meaning, and the intended nonliteral or metaphoric meaning is attributed.

Nesses termos, a metáfora se faz presente quando a lacuna que deveria ser preenchida por uma palavra no seu sentido literal não satisfaz as expectativas do locutor e, então, há a opção pela linguagem figurada.

Portanto, num conceito amplo, a metáfora ocorre quando o locutor ao enunciar A significa B. É necessário que ele seja capaz de depreender B através de uma seqüência lingüística que literalmente significa A.

Num enunciado do tipo Ele é um mão-de-vaca, há necessidade de o interlocutor perceber que esse composto metafórico se refere a um indivíduo sovina, pois, caso contrário não será possível a compreensão e, conseqüentemente, o processo comunicativo não se completará a contento.

HERMANN PAUL⁴⁰(102) apresenta um conceito de metáfora amplo e detalhado:

A metáfora é alguma coisa que brota necessariamente da natureza humana e se impõe não só na linguagem poética como, sobretudo, também, na linguagem corrente popular que tende sempre para a plasticidade e caracterização drática(...) é ela um dos meios mais importantes para a criação de complexos de idéias (grifo meu) para os quais não existe ainda uma designação adequada.

A colocação feita por HERMANN PAUL,⁴⁰ grifada por mim, parece ter um melhor embasamento ao observar-se o imenso rol de metáforas utilizadas para designar, por exemplo, certos tipos de indivíduos, principalmente em se tratando de compostos: bunda-mole, 'chato, sem personalidade', espalha-brasa 'espalhafato', frango-de-botica 'novo e magricela com pretensões dom-joanescas', galinha-morta 'fraco, covarde ou medroso', lambembe-botas 'bajulador', mata-mouros 'valentão, fanfarrão', pica-pau 'furão, cavador', pinto-calçado 'menino quando usa calça comprida', telha-corrída 'destrambelhado', entre outros.

A metáfora ainda se amplia. Por exemplo, há certos tipos de metáforas que excedem o parâmetro de enunciação da pa-

lavra, estendendo-o, como é o caso da alegoria, figura de linguagem que se caracteriza pela exposição de um pensamento sob forma figurada. Na verdade, o autor, ao se propor a expressar uma idéia alegoricamente, recobre a mesma com uma espécie de véu, mas tendo sempre o cuidado de tornar a idéia expressa pelo pensamento perceptível ao leitor.

Então, a alegoria, que é uma seqüência de metáforas que significam um coisa nas palavras e outra no sentido, é formada quando o autor, ao falar alegoricamente, busca o particular em vista do geral, ou seja, o particular vale como exemplo do geral. Para tornar mais claro, há exemplos bem recentes: no começo da ascensão do candidato Collor de Melo para a presidência da República, formaram-se várias alegorias para especificar que essa ascensão parecia passageira e temporária. Algumas delas: pneu careca, chuva de verão, fogo de palha, balão furado.

Outras alegorias mais são bem populares, já estão incorporadas ao nosso dia-a-dia, mas são necessárias para reforçar a idéia primeira que o que rege a alegoria é a metáfora: não se mexe em time que está ganhando, em casa de ferreiro espeto de pau, o buraco é mais embaixo, cada um faz a cama em que se deita, morro a baixo todo santo ajuda, e outras mais.

Completando, segue-se o conceito de DUCROT¹⁷(333), que diz que a metáfora é o emprego de uma palavra num sentido semelhante e contudo diferente do seu sentido habitual, e afirmando que a alegoria tem uma base metafórica, posso dizer que a parábola e a fábula, que são narrações alegóricas, possuem uma base, embora mais distante metafórica, pois, segundo GEIR CAMPOS, a alegoria é quase essencial à fábula e à parábola.

Como já foi dito, tanto a parábola como a fábula são narrações alegóricas, mas me parece que é a parábola que mais se aproxima da alegoria e, por extensão, da metáfora. A parábola evoca, pela comparação, outras realidades, pretendendo administrar um ensinamento moral. Essa preocupação moralizante não é explicitada, pois a parábola também se utiliza de uma linguagem 'camuflada'. Já a fábula* explicita a administração de um ensinamento moral, trabalhando com uma linguagem figurada muito mais própria, onde os personagens são via de regra, animais. Parece-me, então, que o cunho metafórico que se observa na alegoria e na parábola é bem menos visível na fábula.

Mas não me estenderei em discutir a alegoria, a fábula e a parábola. O fato de me ter referido a esses tipos de construções explica-se pela constatação de que a metáfora, em si mesma ou com base para outras construções, permite estudos muito mais completos e abrangentes dos que os apresentados por mim, pois a linguagem figurada, mais especificamente a metáfora, existe porque a língua o permite, e essa permissão confirma o fato de que há uma capacidade inata que explica satisfatoriamente a inovação terminológica a partir de termos já existentes e o caráter criativo da linguagem.

Retornando novamente ao estudo da metáfora com tal, o termo 'metáfora' (METAPHORÁ, do grego meta 'trans' + phérein 'levar', é uma mudança, transferência, transposição; mudança de sentido próprio para figurado⁴) foi introduzido pelos gregos e incorporado à terminologia das gramáticas e das obras de

*Millor Fernandes é um dos poucos brasileiros que produz fábulas. Para melhor constatação ver: FERNANDES, Millor. Literatura comentada, São paulo, Abril, 1980.

estilística . O princípio desta foi então elucidado por eles na tentativa de demonstrar a origem natural da linguagem, pois necessitavam de princípios que abrangessem a extensão da área recoberta pelo significado de uma palavra além do significado 'natural' ou 'verdadeiro' (LYONS³³(431)). Entendia-se, então, por metáfora a conexão 'natural' entre o referente primário e o secundário de uma palavra. A metáfora dá à coisa um nome que pertence a outra, valendo-se do desvio, da substituição, e esse desvio será sempre uma substituição.

DUCROT¹⁷(9329), ao discutir a questão da figura, que possui uma definição generalizada de 'desvio', diz que se é difícil provar que todas as figuras são desvios, é perfeitamente evidente que nem todos os desvios são figuras. Ducrot apresenta ainda uma citação de I.A. RICHARDS, que também é contra o fato de se considerar as figuras de linguagem, e, principalmente a metáfora, um desvio, e que propõe a seguinte definição: Quando utilizamos uma metáfora, há duas idéias de coisas diferentes que agem em conjunto, transportadas por uma palavra ou por uma expressão única, e o sentido é a resultante deste interação.

DROSTE,¹⁴ através de uma semântica lógica de predicados, tenta provar também que o que provoca, permite a realização da metáfora não é um desvio:

(203)metaphory does not result in deviancy. We hold, on the contrary, that metaphory is essential to syntactic functioning to such a degree(....).

(205)metaphory is essential to the cognitive and communicative functioning of language.

O ponto de vista de DROSTE é corroborado ainda por LAKOFF and JOHNSON³⁰(6), mas estes e o próprio DROSTE vêm a

metáfora como algo muito mais abrangente do que o estudo lingüístico ora desenvolvido nos permite ver.

2.1.2 O Eixo Paradigmático e o Princípio da Similaridade

Os dois eixos lingüísticos preconizados por Saussure no seu Curso de Lingüística Geral, o eixo paradigmático e o eixo sintagmático, serão a base para a próxima discussão, pois a eixo paradigmático, ou melhor, ao paradigma corresponde o plano metafórico da linguagem e ao sintagma o plano metonímico (que será discutido no sucapítulo 3.2.1).

JACOBSON²⁷ supunha que a interpretação de qualquer unidade lingüística pode desencadear dois mecanismos intelectuais independentes: comparação com as unidades semelhantes - paradigmáticas - e estabelecimento das relações com as unidades coexistentes - sintagmáticas. Pode-se dizer, então, que o sentido de uma palavra é determinado, simultaneamente pela influência das que a cercam no discurso e pela evocação das que poderiam tomar o seu lugar. Para ele, esses dois mecanismos independentes tem uma grande generalidade. Seriam a base da formação da metáfora e da metonímia. A esta corresponderia a constituição do eixo sintagmático e àquela o eixo paradigmático.

Em relação ao que foi dito, LYONS³⁹(471) diz que o vocabulário de uma língua contém um certo número de sistemas lexicais cuja estrutura semântica pode ser descrita em função das relações de sentido tanto no plano paradigmático como no sintagmático.

O eixo paradigmático e, portanto, metafórico, efetua-se pelo processo de substituição e seleção de uma paradigma, de uma palavra por outra. É um processo associativo e mental.

A esse propósito, diz FILLIPACK:²⁶(152)

A metáfora constrói-se, segundo as leis paradigmáticas, obedecendo aos esquema de relações internas no campo de seleção e substituição de paradigmas. O falante emprega sempre o mesmo esquema num processo de rotatividade de paradigmas. Em cada ato de fala ele repete o mesmo esquema, fundamentado no estatuto da similaridade.

Portanto, a metáfora é fruto da relação de semelhança, pertencendo ao eixo paradigmático. FILIPACK²⁹(84) diz ainda que o processo de seleção e de substituição, que preside as operações do eixo paradigmático, é um processo mnemônico, mental in absentia a nível de sistema ou língua, operando na base da similaridade.

É sobre esse princípio da similaridade que a metáfora se baseia, segundo JAKOBSON:²⁷(61) A similaridade das significações relaciona os símbolos de uma metalinguagem com os símbolos da linguagem a que se refere. A similitude relaciona um termo metafórico com o termo a que substitui.

Então, segundo JAKOBSON, ao substituirmos um grupo de signos lingüísticos de determinado contexto por outros, esses signos estarão ligados entre si por diferentes graus de similaridade, pois é a relação interna de similaridade que serve de base para a substituição.

JUBRAN,²⁹(27) que considera a metáfora um dos recursos criadores de ambigüidade semântica, também se baseia no princípio da similaridade para criar seu próprio conceito, dizendo que a metáfora se caracteriza pela relação de similaridade estabelecida pelo teor (a coisa de que falamos) e o veículo

(aquilo com que comparamos a coisa de que falamos). Os traços comuns entre ambos constituem o seu funcionamento.

É, pois, essa relação de similaridade que permitiu a formação de compostos como beijo-de-sinhá 'bolinho delicado', cabelo-de-anjo 'tipo de macarrão muito fino', goela-de-pato 'massa alimentícia em canudos largos e curtos', pé-de-galinha 'ruga no canto externo dos olhos', copo-de-leite 'flor', entre outros.

Para finalizar, DINSMORE⁴⁵(53) ao revisar/discutir o livro *Metaphor and non-metaphor: the semantics of adjective-noun combinations*⁵ diz ainda o seguinte: The basis of any metaphor is generally to be some similarity or analogy (....) the recognition of the relevant similarity or analogy in a metaphor is important and involves a number of pragmatic parameters.

2.2 A METONÍMIA

Ao nos depararmos com uma formação lingüística nova ou desconhecida até então, poderemos perceber facilmente a metáfora como um desvio lingüístico, fato que já não ocorre com a metonímia, que é mais dissimulada.

Os estudiosos da linguagem dizem que a metonímia é utilizada para adorno, "no emprego de uma palavra para designar um objeto ou uma propriedade que se encontra numa relação existencial com a referência habitual dessa mesma palavra;" há, portanto, a troca, a economia, revitalizando-se a função poética de uma forma em geral, A metonímia, então, revigora a função referencial normal da linguagem.

⁴⁵Dicionário das Ciências da Linguagem. Ducrot, pag.333.

Quando a similaridade é expressa numa linguagem metafórica (ver subcapítulo 3.1 deste trabalho), nós incorporamos nossa referência à linguagem não-metafórica, pois ao fazermos isso poderemos entendê-la ou não. Ao dizermos algo como *abelha-mestra*** não saberemos se essa linguagem é metafórica ou não, a não ser que esta expressão pertença a um enunciado elucidador. A metáfora existe em contraposição ao sentido literal, portanto figurado, ou então não será uma metáfora e sim um erro.

A metonímia já implicará uma certa dificuldade por seu caráter intrínseco de uma certa obscuridade. Ela envolve a transferência do nome de alguma coisa para outra, pois constrói-se a partir de todo um conjunto de relações. Se observarmos com cuidado, poderemos perceber que a metonímia está incluída no vocabulário corrente de nosso dia-a-dia, através da denominação da relação entre coisas. Ela está baseada numa relação existente na referência do mundo exterior, independentemente das estruturas lingüísticas que possam expressá-la. Temos, então, de modo geral, na produção de enunciados, a metonímia quando empregamos o autor pela obra "Gosto de Camões", o continente pelo conteúdo 'Bebi um copo de vinho', o abstrato pelo concreto 'A velhice deve ser respeitada', o efeito pela causa 'Ganhar a vida com o suor do próprio rosto', o instrumento pela pessoa que o utiliza 'Ele é um bom garfo', o lugar pelo produto 'Comprei um panamá', o

** 'Mulher astuciosa, alcoviteira ou intrigante'.

símbolo pela coisa simbolizada 'O trono lhe pertence', a parte pelo todo* 'Não há tetos para todos'.

Ao se tratar especificamente de produção de palavras, podemos ver que isto não ocorre de forma tão delineada. Não podemos, por exemplo, direcionar para nenhuma das denominações feitas anteriormente o composto metonímico cabeça-de-porco 'prostituta de condição inferior na zona canavieira de Pernambuco'. Podemos associar esse composto a seu hamônimo cabeça-de-porco 'cortico', concluindo que a mulher possui essa designação por ser, provavelmente, moradora de um cortico. Esse jogo lingüístico a que me referi pode facilitar a comprovação de que um composto figurado é metonímico ou não. Exemplificando novamente, através do composto colarinho-branco 'indivíduo conhecido por tirar vantagens do cargo que ocupa', podemos perceber a relação da parte pelo todo expressa no fato de o indivíduo usar uma camisa que possui, hipoteticamente, um colarinho branco e tirar vantagens do seu cargo. Toma-se uma parte do vestuário, colarinho, e designa-se o indivíduo. O mesmo acontece com os compostos metonímicos barriga-verde, boca-lisa 'bagre', boina-verde, cara-pálida, mata-mosquito 'guarda sanitário', pé-vermelho 'morador do Paraná velho', entre outros.

Nesse sentido, na produção lexical propriamente dita, pode-se dizer que a metonímia é mais obscura que a metáfora. O jogo de relações exigido pela primeira é mais subjetivo e mais complexo do que o exigido pela segunda.

*Certos autores consideram a designação 'parte pelo todo' pertencente à sinédoque. Nessa tese, considero-a como integrante da metonímia, como a consideram JAKOBSON, LE GREN, BACK and MATTOS, ARISTÓTELES, entre outros.

Portanto, a contigüidade em que se baseia a metonímia para a formação de palavras parece que exige um processo mental mais complexo do que a similaridade, em que se baseia a metáfora.

LAKOFF and JOHNSON²⁰(39) asseveram: (...) metonymic concepts structure not just our language but our thoughts, attitudes and action. And, like metaphoric concepts, metonymic concepts are grounded in our experience.

Para finalizar o que diz respeito a uma visão geral da metonímia, diz HARRISON:²²(52) Metonymic so defined is not a textual device at all, since our understanding of a metonym does not originate in the text, but in a piece of adventitious extratextual knowledge.

2.2.1 O Eixo Sintagmático e o Princípio da Contigüidade

JAKOBSON,²⁷ no seu texto *Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia*, formula uma teoria que pode ser a base para que possamos interpretar e classificar vários tipos de afasias, certos tipos de desordens patológicas da linguagem.

Para ele, todo falante requer, para fazer-se compreendido, dois tipos de operação: a seleção dos elementos lingüísticos necessários em determinado momento e a combinação desses elementos lingüísticos. Diz que Os constituintes de um contexto têm um estatuto de contigüidade, enquanto num grupo de substituição os signos estão ligados entre si por diferentes graus de similaridade.(40) A seleção é, então, baseada na similaridade e a combinação, na contigüidade. É essa sua conclusão que interessará agora.

A relação de combinação por contigüidade não é a mesma que a relação de similaridade. Enquanto a seleção é baseada em

relações internas e, portanto, na sua maioria mentais, a combinação envolve uma relação externa de contigüidade em várias formas e graus.

Para Saussure, há dois eixos linguísticos, o eixo sintagmático e o eixo paradigmático. Segundo Jakobson, cabem ao primeiro as relações de combinação e ao segundo as relações de seleção. Jakobson amplia ainda esses conceitos ao afirmar que toda expressão metafórica se faz pela substituição de paradigmas, diferentemente da expressão metonímica, que deriva da associação de paradigmas a formar sintagmas. Ao paradigma correspondente o plano metafórico, já discutido no subcapítulo 3.1.2 deste trabalho. Ao sintagma, que nos interessará agora, refere-se o plano metonímico.

Para Jakobson, então, a metonímia deriva da interpretação sintagmática. Essa interpretação sintagmática permite que o processo metonímico ocupe um lugar de destaque na denominação lexical, modificando de maneira considerável o vocabulário de uma língua no decurso de sua história.

Nesse processo de lexicalização, segundo HENRY,²⁵(14) a metonímia não cria uma relação inteiramente nova entre os termos que associa, porque os objetos que os mesmos denotam já estão relacionados na realidade exterior.

Ainda sobre as relações sintagmáticas e, portanto, metonímicas, diz PAUL MICLĂU:²⁶(116)

Le modele syntagmatique est plus puissant: il peut expliquer l'engrenement des phrases, ainsi que les relations entre leurs éléments.

Dans le domaine de la motivation par l'image, il s'agit de voir comment se relient les constituants de celle-ci. Evidemment, on pourrait donner une description sous la forme d'un arbre qui serait une forme suggestive de présentation de l'indicateur syntagmatique.

São as relações de contigüidade e, segundo Jakobson, sintagmáticas, que permitiram a formação de compostos metonímicos com beija-flor, bicho-do-mato 'ind. ignorante, esquivo, mal vestido; praticante de fiascos', boca-de-cano 'negócio vantajoso, pechincha', boca-de-fumo, boca-negra 'ind. que pertence à tribo boca-negra', borra-botas 'mau engraxate', cabeça-chata 'cearense', cabeça-inchada 'dor causada por desilusão', dedo-duro 'delator', dente-de-leite, lambe-lambe 'fotógrafo ambulante), mão-de-cabelo 'ente fantástico), mão-pelada 'guaximim', pé-de-cana 'ébrio', entre outros mais.

Parece-me, então, que o que permite que reconheçamos uma metonímia é, principalmente, nossa experiência de falantes nativos da língua. Há um processo mental inconsciente revelando-nos que este ou aquele composto é metonímico ou não.

2.3 A OCORRÊNCIA DE DUPLA CARGA FIGURATIVA

Certos compostos possuem ambas as cargas figurativas, ou seja, são compostos, ao mesmo tempo, metafóricos e metonímicos.

Apesar desse modelo não ser muito, ou quase nada, produtivo, inclusive poucos exemplos foram encontrados, é um fato a ser registrado, pois se se observou a ocorrência, se houve o surgimento, a língua o permitiu.

O composto pé-de-boi 'indivíduo trabalhador' é um exemplo, a meu ver, claro. Quando se tomou uma parte do corpo do animal para se designar o todo, ocorreu a metonímia. É na comparação mental com a força de trabalho exercida pelo animal que está a

metáfora. Recebe então, esse composto, duas cargas figurativas diferentes.

Ocorre a mesma situação nos compostos *mão-de-finado*, *mão-fechada*, ambos indicando 'um indivíduo sovina', *mãos-largas*, *mão-aberta*, ambos indicando 'indivíduos generosos'. Na escolha da parte do corpo humano para a designação do indivíduo, a metonímia. Na postura das mãos, seja aberta ou fechada, a metáfora.

Um composto curioso é *guarda-roupa*, composto metonímico enquanto móvel usado para se guardarem roupas, e composto metonímico novamente na designação das roupas como um todo. Diferentemente dos exemplos acima, esse composto possui uma carga metonímica que ora significa isto, ora aquilo, dependendo do contexto em que o composto será usado.

2.4 COMPOSTOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS NA NOMINAÇÃO DE SERES E COISAS

O objetivo deste subcapítulo é o de apresentar de uma forma mais esquematizada os compostos que nomeiam, que dão nomes aos seres e coisas.

Não houve pretensão alguma de se fazer uma taxionomia destes, mas me pareceu adequado esse procedimento, principalmente tendo em vista a constatação do inusitado de certas formações, pois, como diz HAWKES⁸²(63), (figurative) Language, in short, does not simply report things. It makes things happen.

2.4.1 Compostos que Nomeiam Pássaros

Cabeça-de-fogo 'pássaro canoro de MG', cabeça-de-padre, cabeça-seca, cabeça-encanada, trepa-moleque (esses quatro compostos referem-se à mesma ave ciconiforme, jaburu-moleque), cabeça vermelha 'cardeal', papo-branco e papo-de-fogo 'colibris', entre outros.

2.4.2 Compostos que Nomeiam Indivíduos

Bicho-careca 'joão-ninguém', bicho-papão 'homem dado a conquistar muitas mulheres', (+)* boi-zebu 'indivíduo de pouca virilidade', caixa-alta 'com muito dinheiro', caga-regra 'metido a sabichão', coxa-branca 'coritibano', (+) cobra assanhada 'pessoa má e agressiva', dedo-duro 'delator', (+) galo-velho 'experiente', mão-de-finado 'avaro', mãos-largas 'pessoa generosa, liberal, dadivosa', pé-de-boi 'muito trabalhador', pé-de-chinelo' sem educação e sem dinheiro', bunda-mole 'chato, sem personalidade; borra-botas 'reles', telha-corrída 'destrambelhado', unha-de-fome 'avaro', arroz-de-festa 'que comparece a todos os eventos sociais', espalha-brasa 'espalhafatoso', pica-pau 'furão, cavador', (+) jumento-batizado 'ignorante, inacessível', (+) pato-rouco 'apelido de afônico', (+) sangue-de-percevejo 'azarento', bucho-de-piaba 'pessoa que não guarda segredo, indiscreta, mexeriqueira', amigo-urso 'falso desleal', (+) urubu-cangueiro 'preguicoso, incompetente', vaca-leiteira 'mulher de seios grandes', galo-de-campina 'valente; menino brigão', leão-de-chácara 'guarda de boate, clubes, etc.', (+) jacaré-engomado 'homem metido a elegante e preocupado demais com a roupa', pomba-iesa 'sexualmente impotente', (+) siri-donzelo

*O símbolo (+) indica formas não dicionarizadas, retiradas do vocabulário popular.

'rapaz simplório, tímido, apalermado', (+) vaca-nova 'pederasta passivo', cabeça-de-camarão 'cabeça dura', leite-quente 'ind. do Paraná Velho', entre outros mais.

2.4.3 Compostos que Nomeiam Folguedos

Bunda-de-mulata 'amarelinha', boca-de-forno 'brinquedo', cabra-cega.

2.4.4 Compostos que Nomeiam Doces e Comidas

Beijo-de-moça 'bala de ovos', beijo-de-sinhá 'bolinho delicado', cabelo-de-anjo 'macarrão muito fino', espera-marido 'bolinho doce', goela-de-pato 'tipo de macarrão', língua-de-gato, papo-de-anjo 'doce de ovos', pé-de-moleque, peito-de-moça 'tipo de doce redondo e pontudo', olho de sogra, orelha de gato,...

2.4.5 Compostos que Nomeiam Armas de Fogo

Boca-de-fogo, caga-fogo, cu-de-boi 'garrucha', nariz de burro 'garrucha de dois canos', papo-amarelo 'rifle'.

2.4.6 Compostos que Nomeiam Peixes

Boca-lisa 'bagre', bonito-cachorro 'peixe com o dorso azul', cabeça-de-leão 'peixe cuja cabeça é coberta de verrugas', língua-de-mulata 'peixe teleósteo', olho-de-cão 'peixe teleósteo', olho-de-céu 'peixe do litoral cearense.

2.4.7 Compostos que Nomeiam Plantas e Árvores

Como os compostos metafóricos e metonímicos são muito férteis ao nomear plantas e árvores, resolvi, neste subcapítulo, destacar apenas alguns compostos que possuem nomes de partes do corpo humano ou animal na sua formação: beijo-de-negra 'planta da família das eriocariláceas', boca-de-dragão 'orquídea', boca-de-leão 'orquídea', boca-de-velha 'tipo de árvore', boceta-de-mula 'tipo de árvore', bochecha-de-velho 'tipo de cipó', cabeça-de-boi 'orquídea', cabeça-de-frade 'plantas com flores dispostas em capítulos', cabeça-de-preguiça 'tipo de árvore', cabeça-de-urubu 'tipo de árvore', cu-de-mulata 'tipo de trepadeira', cabelo-de-negro 'tipo de arbusto', cabelos-de-vênus 'planta de cabo ereto e ramoso', dente-de-leão 'orquídea', mão-de-branco 'plantas com lindas flores ornamentais', mão-de-gato 'tipo de árvore', mão-de-onça 'tipo de arbusto', olho-de-boneca 'tipo de planta trepadeira', olho-de-pombo 'trepadeira', olho-roxo 'variedade de mandioca', pé-de-galo 'tipo de árvore', peito-de-moça 'tipo de planta', unha-de-vaca 'tipo de cipó', entre outros mais.

3 ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DAS FORMAÇÕES METAFÓRICAS E METONÍMICAS

A intenção inicial, ao desenvolver este capítulo, era apresentar o modelo de formação de palavras mais produtivo nas formações metafóricas e metonímicas. Essa intenção logo se tornou irrelevante, pois os processos principais de formação de palavras em língua portuguesa são dois, a saber, derivação e composição, e este último mostrou-se logo como o mais produtivo no campo que estou trabalhando. Resolvi, então, dividir este capítulo em dois subcapítulos, sendo o primeiro dedicado à composição em geral e o segundo à estrutura dos compostos metafóricos e metonímicos.

No subcapítulo "Composição" será discutido o que é um composto, como diferenciar um composto de um grupo sintático paralelo e o que distingue os compostos endocêntricos dos exocêntricos.

Já no subcapítulo seguinte, mostrarei quais as combinações de palavras mais comuns e quais são as formações mais produtivas na construção dos compostos metafóricos e metonímicos.

3.1 COMPOSIÇÃO

Segundo BECHARA⁶(175), a composição consiste na criação de uma unidade lexical nova formada por meio de duas ou mais palavras cuja significação depende da significação das que encerram as suas componentes.

Em todo o composto há o elemento principal, que se chama determinado (DM), e o elemento secundário, ou acessório, que é o determinante (DT). Geralmente, o determinado precede o determinante na língua portuguesa, como em couve-flor, erva-doce, ipê-roxo, pão-bengala, remédio-porrete, tatu-bola, entre outros.

BAUER⁷(11) apresenta uma definição de composição bastante esclarecedora:

Compounding, or composition, is roughly speaking, the process of putting two words together to form a third, as in the following examples: oil-paper, paperclip (....). Such words are called compounds, independent of the form class ('part of speech') of the new word, the number of the elements involved, whether they are written as one or two words or whether they are hyphenated and so on.

BASÍLIO⁸(29) diz ainda o que entende por composição em língua portuguesa:

O processo de composição envolve a junção de uma base a outra base; não há elementos fixos, não há funções predeterminadas no nível dos elementos. O que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura, de tal maneira que das bases que se juntam para formar uma palavra, cada uma tem seu papel definido pela estrutura.

O que seja estrutura das bases a que se refere BASÍLIO, bases formadoras do composto, será visto no subcapítulo 4.2 deste trabalho.

Portanto, pela composição se dá uma associação significativa e formal entre duas palavras, resultando uma palavra nova, onde as significações das palavras que as constituíram se combinam, criando, então, uma nova palavra com uma nova significação.

3.1.1 Composto Versus Grupo Sintático Paralelo

Depois de apresentar o que é o processo de palavras conhecido por composição, pareceu-me oportuna a apresentação de um tipo de discussão que gera controvérsia, a saber, como distinguir um composto de um grupo sintático paralelo.

SANDMANN⁴⁹ apresenta em seu trabalho aspectos a serem considerados nessa discussão. Esses aspectos são o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. A título de esclarecimento, há a preocupação de BAUER⁷(202) e MATTHEWS³⁴(188) em tentar fazer a distinção de um composto de um grupo sintático paralelo também em língua inglesa.

SANDMANN⁴⁹(130) diz que o aspecto fonológico não se apresenta em geral como diferenciador, pois o acento não é suficiente para a distinção a ser feita, quer se entenda por acento a intensidade, a duração ou a altura. Nas frases 'Vi uma cobra-cega' e 'Vi uma cobra cega' não há como ver a diferença só do ponto de vista fonológico, pois ambos os exemplos

tem a mesma distribuição de acento. O mesmo ocorre em 'Aquela é uma erva-doce' e 'Aquela é uma erva doce'.

Do ponto de vista morfológico, em geral a formação do plural dos substantivos compostos não se diferencia da formação do plural de grupos sintáticos. Não há diferenças morfológicas entre cabras cegas, cabras-cegas, ervas doces, ervas-doces, pois ambos os casos recebem as mesmas flexões de gênero e número. Como foi dito, em geral a formação do plural dos substantivos compostos não se diferencia da formação do plural de grupos sintáticos, mas há casos em que o composto possui duas formas de plural aceitáveis, como em queixa-crime que, segundo o Aurélio, possui os plurais queixas-crimes e queixas-crime. Pareceu-me também que é a formação S+S a que permite, geralmente, dois plurais para o mesmo composto, já que os outros tipos de formação analisadas no Aurélio apresentaram apenas um plural. Mas não é essa particularidade da formação S+S um impedimento para que se continue afirmando que, até então, não há diferenças morfológicas entre os plurais dos compostos e dos grupos sintáticos paralelos apresentados. Além do tipo de formação apresentado, S+A, há outros tipos mais comuns que servem de ilustração: do tipo S+P+S: arrozes-de-festa, arrozes de festa; do tipo A+S: boas-vidas, boas vidas; do tipo V+S: espera-maridos, espera maridos.

Em relação ao ponto de vista sintático, se quisermos especificar o composto, deveremos especificá-lo globalmente, como um todo, diferentemente do grupo sintático paralelo. Por exemplo, cabra-cega interessante e erva-doce interessante. Em ambos os casos o adjetivo interessante não se refere apenas a cabra e a erva mas a todo o composto. Já nos grupos sintáticos cabra cega e erva doce podemos

dizer cabra interessante e cega ou cabra cega e interessante, ou erva interessante e doce ou erva doce e interessante.

Resta-nos ainda o critério semântico, que se apresentará como o melhor critério para a diferenciação, principalmente ao se tratar de compostos metafóricos e metonímicos.

A composição, na realidade, enquanto processo, permite certas categorizações cada vez mais particularizadas, permite a nomeação (que pode ser descritiva, metafórica ou metonímica) ou categorizações de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico.

BASÍLIO²(30) confirma o que acaba de ser dito: (...) não é por acaso que as formas compostas são freqüentemente desligadas do significado estrito de seus componentes.

Geralmente, os elementos formadores de um composto e suas respectivas significações diferem sensivelmente da significação final do composto. Para exemplificar: boca-torta 'gorete', forno-de-jacaré 'vitória-régia', pé-de-moleque 'doce de amendoim', unha-de-velha 'tipo de molusco', dente-de-cavalo 'variedade de milho', mão-de-padre 'indivíduo preguiçoso', café-do-diabo 'planta', dedo-de-dama 'certa espécie de uva de longos bagos', entre outros.

Em relação à expressão 'desligadas de sentido' de BASÍLIO, SANDMANN⁴⁹(134) diz que é o isolamento semântico o fator mais importante para formar de um grupo sintático uma palavra composta.

Parece-me oportuna a assertiva de Wittgenstein a respeito de uma palavra: Não se indague o significado de uma palavra, indague-se qual é o seu uso.

Nas duas formações apresentadas por mim, cabra-cega e erva-doce, é através da significação e do uso dessa significação que poderá ser possível diferenciar esses compostos dos grupos sintáticos paralelos cabra cega e erva doce.

3.1.2 Compostos Endocêntricos e Exocêntricos

A respeito desses tipos de formações diz BAUER⁷(30):

Consider first the examples beehive, arm-chair, redskin, highbrow (....). In the first two examples, the compound is a hyponym of the grammatical head: a beehive is a kind of hive, and armchair is a kind of chair. This type of compound is termed as endocentric compound. In the second two examples, the compound is not a hyponym of the grammatical head: a redskin is not a type of skin, nor is highbrow a type of brow. This type of compound is termed exocentric compound (....) Since the semantic head is unexpressed in such compounds, the compound is frequently seen as metaphorical or synecdochic.

A necessidade de introdução desses termos se deve ao fato de que são eles, também, um argumento semântico que auxiliará na correta distinção entre um composto e um grupo sintático paralelo. Citando novamente os compostos apresentados por mim no subcapítulo anterior, cabra-cega e erva-doce, posso argumentar agora que o composto cabra-cega é exocêntrico uma vez que não se trata de um tipo de cabra e sim de uma brincadeira infantil, enquanto o composto erva-doce é endocêntrico, pois é um tipo específico de erva.

É-nos apresentado, então, mais um argumento de que é o critério semântico o mais indicado para a distinção entre compostos e grupos sintáticos paralelos.

LYONS²³(243), a respeito desses tipos de formações, diz o seguinte:

Construção endocêntrica é aquela cuja distribuição é idêntica à de um ou mais de seus constituintes; e qualquer construção que não seja endocêntrica é exocêntrica. Em outras palavras, o caráter exocêntrico define-se negativamente em relação a uma definição precedente do caráter endocêntrico, e todas as construções caem numa ou noutra classe.

Para concluir JACKENDOFF²⁶(657) comenta também o composto exocêntrico:

(....) that neither constituent describes what kind of object the compound is. For example, there is no way for nonspeaker of English to know that a redhead is a kind of person, but that a blackhead is a kind of pimple.

3.2 ESTRUTURA DOS COMPOSTOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS

Antes de iniciar a discussão dos tipos de formações propriamente ditas, gostaria de elucidar aqui a que me refiro quando faço uso das expressões 'muito produtivo', 'pouco produtivo' ou 'produtividade'.

Esses termos, a serem utilizados por mim, referem-se ao fato de que foram encontradas muitas, ou poucas palavras de determinado tipo de formação. Ou seja, ao fazer um pequeno, mas suficiente levantamento de palavras, pude constatar que certos tipos de formações 'acontecem' mais do que outros tipos.

Quero deixar claro que não me baseei em nenhum estudo ou pesquisa de levantamento de dados específico. Baseei-me

apenas no meu inventário, inventário no qual o livro "FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO", de SANDMANN, muito me auxiliou, na observação constante do vocabulário corrente, seja escrito ou oral e, principalmente, na minha intuição de falante da língua portuguesa.

Então, uma formação muito produtiva para mim, neste trabalho, é aquela que é encontrada com certa facilidade, seja ao recorrermos a um dicionário, seja ao manusearmos uma revista, seja, até mesmo, ao assistirmos a um noticiário em qualquer rede de televisão. Quero lembrar ainda que o foco principal desse trabalho são os compostos metafóricos e metonímicos, por vezes chamados por mim de 'figurativos'.

Esse subcapítulo não se refere somente a sintaxe desses compostos, mas também a sua semântica, não havendo, portanto, uma seqüência rígida que se refere à discussão dos mesmos.

3.2.1 A Formação Substantivo + Substantivo (S+S)

Esse modelo de formação parece estar mostrando uma produtividade crescente na língua portuguesa, produtividade esta que pode ser comprovada através da tese de SANDMANN.⁴³ Pareceu-me, entretanto, que esta produtividade está restrita aos compostos não-figurativos, pois o modelo S+P+S, em relação aos compostos metafóricos e metonímicos, como será visto no item seqüencial 4.2.2, é de longe mais produtivo que a formação S+S.

A título de ilustração, vejamos o que BAUER⁷(202) diz a respeito da formação S+S em língua inglesa: This is the largest subgrouping of compounds. (...) The majority of compounds in this class are endocentric.

LIEBER²⁸(255) confirma também essa produtividade em língua inglesa:

(...) As has frequently been noted (Marchand (1969), Allen (1978)), NN compounds are abundant in English and readily coined. An interpretation for any new NN compound can easily be found; for example, a deskstamp might be a stamp which sits on a desk or a device for stamping desks.

Observando o inventário de formações, pode constatar que a maioria dos compostos em língua portuguesa são também endocêntricos. Para exemplificar: ataque-relâmpago, comício-monstro, cidade-laboratório, edifício-sede, palavra-chave, seguro-saúde, usina-piloto, entre outros.

Esse tipo de composto é formado pelo processo de justaposição, que é o processo de junção de dois ou mais elementos para a formação de uma nova palavra. Esse elemento não sofre alteração em sua estrutura, como em passatempo, amor-perfeito, guarda-chuva, etc., diferentemente do outro tipo de composição, a aglutinação, onde os elementos formadores de uma nova palavra sofrem modificação, como em fidalgo, aguardente, entre outros.*

FILIPACK²⁹(125) afirma que é o segundo elemento desse modelo de formação que receberá a carga figurativa, sendo que o primeiro elemento permanecerá com seu sentido literal, como em banana-figo, laranja-lima, peixe-espada, entre outros apresentado por ele.

Se voltarmos nossa atenção novamente para a apresentação dos compostos endocêntricos e exocêntricos (p.46 deste

*Os outros tipos de formação a serem vistos a seguir são também formados por justaposição.

trabalho), veremos que o mesmo tipo de análise defendida por FILIPACK, e citada acima, servirá para os compostos endocêntricos e, já que os compostos apresentados por mim também o são, neles realmente, recairá sobre o segundo elemento a carga metafórica ou metonímica.

Confirmam o que foi dito acima os exemplos banana-maçã, bicho-bola, capim-limão, capim-melado, couve-flor, laranja-umbigo, manga-espada, pão-bengala, peixe-agulha, pomba-leque, etc., e as formações mais recentes como empréstimo-ponto, garoto-bala, remédio-porrete, trem-bala, voto-camarão, entre outros.

3.2.2 A Formação Substantivo + Preposição + Substantivo (S+P+S)

Após a análise de corpus, pude constatar que é este o tipo de formação mais comum em termos de produtividade lexical de metáforas e metonímias.

Com a introdução da preposição, ocorre um processo de subordinação entre os substantivos formadores, sendo o segundo substantivo subordinado ao primeiro.

Tendo em vista algumas formações como banana-de-mico, 'imbé', beijo-de-moça 'bala-de-ovos', beijo-de-sinhá 'bolinho delicado', beijo-de-frade 'erva monumental', beijo-de-negra 'planta', bico-de-papagaio 'flor vermelha', erva-de-passarinho, arroz-de-festa, pau-de-arara, rabo-de-saia, baile-de-sapo, 'de entrada franca', gigolô-de-vaca 'fazendeiro', abraço-de-tamanduá, forno-de-jacaré 'vitória-régia, pau-de-véu 'breque-de-carroça', tripa-de-galinha 'uva do Japão', feijão-com-arroz (no contexto "O projeto, hoje, seria o do feijão-com-arroz?" Veja 21.09.88, p.08) etc., pude constatar, com raras exceções, como por exemplo baile-de-sapo e

abraço-de-tamanduá, deste corpus, que a formação S+P+S forma compostos exocêntricos.

A título de exemplificação, tomemos o composto forno-de-jacaré. A significação metafórica não é a de um tipo de forno em especial, e sim o lugar - vitória-régia - onde os pequenos jacarés, em certas regiões, descansam ao sol.

Ao se observar compostos em que o substantivo inicial representa uma parte do corpo humano, fica ainda mais evidente a facilidade com que o modelo S+P+S forma compostos exocêntricos.

3.2.3 A Formação Substantivo + Adjetivo (S+A)

Tendo em vista o meu inventário de palavras e a minha observação, pareceu-me ser este um tipo de formação bastante comum em língua portuguesa.

FILIPACK²⁰(129) chama este tipo de formação de metáfora (ou metonímia)²¹ objetiva, dizendo: A metáfora (ou metonímia)²² objetiva se constrói através de um FOCUS, uma carga metafórica (e metonímica)²³ que recai sobre o adjetivo que qualifica e caracteriza um substantivo. O adjetivo assume caráter figurado e o substantivo permanece no sentido literal.

Evidentemente, não se questiona esta afirmação em um texto literário como O cílio derretido na cara medonha da ressaca,⁴ onde derretido e medonha adjetivam, respectivamente cílio e cara, e onde a carga, no caso metafórica, recai realmente sobre o adjetivo,

²⁰A introdução do termo metonímia é minha.

²¹Idem.

²²Idem.

permanecendo o substantivo com seu sentido literal, pois isso não é produtividade lexical. É somente uma forma literária e pessoal de DALTON TREVISAN, no caso, de qualificar um substantivo.

MATTHEWS²²(33) também apresenta como necessária essa distinção: A quite different discrepancy arises between the lexeme as considered from the grammarian's viewpoint, and a lexeme which might be posited on strictly 'lexical' grounds.

Ele apresenta duas frases: I want some ice-cream e I want some fresh cream e diz que, apesar de no primeiro exemplo não termos uma construção do tipo A+S, mas que está funcionando como tal, o mesmo pode nos servir como partida de uma discussão:

In some fresh cream the Adjective functions as the Modifier or the Noun, both being freely replaceable by forms of other lexemes (....). But in some ice-cream there is no modification: we are not talking of a particular sort of 'cream' but of a separate commodity which is ice-cream specifically. This meaning cannot be predicted from those of ice and cream or both (....). Ice cream, that is to say, is a distinct unit from the semantic or the lexicographical viewpoint.

Exemplificando novamente, um composto do tipo bóia-fria (composto metonímico) é diferente da seqüência bóia fria introduzida numa frase para melhor entendimento - Não quero bóia fria. Neste caso, o adjetivo está qualificando o substantivo, detalhando que a comida está fria. Naquele caso não há qualificação alguma. Fria (A) não está qualificando bóia (S). É todo o composto que recebe uma carga metonímica, não suas partes, pois é um composto exocêntrico. É claro que o composto mantém o aspecto sintático da relação de um substantivo com um adjetivo. Tanto é que o adjetivo continua concordando em gênero com o substantivo a que se refere.

De certo modo, então, discordo da afirmação de FILIPACK. Quando há formações seqüenciais, não-compostos, do tipo S+A, existe realmente essa carga figurativa sobre o adjetivo. Mas, se há compostos do tipo S+A, para que recaia sobre o adjetivo toda a carga metafórica ou metonímica, o composto será, necessariamente, endocêntrico, como em erva-doce, ipê-amarelo, manjar-branco, mão-macho, entre outro. Ou seja, quando é o adjetivo que recebe a carga metafórica ou metonímia, e parece que isso só acontece nos compostos endocêntricos, há uma especialização, uma restrição de sentido, pois não é qualquer erva, ipê, manjar ou mão, mas esses especificamente. Ocorreu-me, então, que o composto desse tipo, como um todo, e com essa seqüência, não é figurativo.

Os exemplos dados a seguir, semanticamente falando, são compostos exocêntricos, onde a carga figurativa, seja ela metafórica ou metonímica, recai sobre todo o composto, evidenciando o porquê de minha discordância da afirmação dada de que é somente sobre o adjetivo que recai o figurativo: Boca-Maldita 'região do centro de Curitiba', boca-mole 'gorete', telha-corrida 'indivíduo destrambelhado', olho-roxo 'mandioca de raiz comprida', boi-gordo 'arbusto ornamental', cobra-cega 'brincadeira infantil', bunda-mole 'indivíduo chato, sem personalidade', colarinho-branco 'indivíduo conhecido por tirar vantagens do cargo que ocupa', boca-aberta 'indivíduo palerma', caixa-alta, chapéu-atolado 'caipira', galinha-morta 'indivíduo fraco, covarde ou medroso', nega-maluca, entre outros mais.

3.2.4 A Formação Adjetivo + Substantivo (A+S)

Esse tipo de formação não me pareceu muito produtivo em língua portuguesa, tanto na formação de compostos metafóricos e metonímicos, quanto na formação geral de palavras sem essa carga figurativa." Talvez isso se deva ao fato de que não é um tipo de formação comum, sintaticamente falando, em nossa língua.

SANDMANN⁴³(167), quando discute a diferença entre um composto e um grupo sintático paralelo, refere-se a esse tipo de composto: (....) Aurélio está antes inclinado a considerar tais combinações compostas do que as combinações de S+A (....) Responsável por isso é a colocação do adjetivo antes do substantivo, posição que empresta ao adjetivo um valor semântico diferente (grifo meu).

SANDMANN considera ainda mais esclarecedoras as palavras de GAUGER²¹(152) quando cita MÁRIO WANDRUSKA:

Um adjetivo que antecede seu substantivo reporta-se a esse através de uma expectativa insistente e já está de antemão mais fortemente ligado a ele para formar um todo do que o adjetivo que vem depois de um substantivo já citado, e o adjetivo que segue (tem) uma função mais autônoma e mais nitidamente diferenciadora do que o adjetivo que precede o substantivo (grifo meu).

Contudo, não creio que as afirmações acima grifadas por mim se refiram aos compostos metafóricos, pois há exceções a estas afirmações.

No composto meia-sola 'lavagem de carro sem pulverizar', o valor semântico não está inserido apenas no adjetivo, mas no

⁴³Exemplos de compostos sem essa carga figurativa (metafórica ou metonímica) retiradas de SANDMANN⁴³: Alto-verão, baixo-astral, curto-prazo, social-democracia, primeiro-mundo, segunda-via, entre outros.

composto como um todo, diferentemente, por exemplo, do composto baixo-astral, que não é composto metafórico ou metonímico, e onde a ordem dos constituintes pode ser alterada, para, por exemplo, astral baixo, sem perder nem alterar o valor de significação do composto.

Já no composto metonímico boa-vida, as afirmações feitas tem procedência, pois o fato de um indivíduo ser classificado como boa-vida é referência dada de que tem uma vida boa.

Parece que as afirmações feitas por SANDMANN e WANDRUSZKA e reafirmadas ainda por BALLY (ind: Gauger, 1971) e também BACK & MATTOS³ só não se aplicam às metáforas, pois JU.I. LEVIN³¹(204) em seu artigo "The Structure of the Metaphor", diz o seguinte:

In semantic analysis of the metaphor, it seems impossible to us to consider the meanings of words as indivisible units. We shall regard each word's meanings as composed of elementary units, semes. Moreover, we can attribute definite weights to a meaning's semes. We shall surmise that every set of semes defines some meaning. Thus, side by side, with "vocabulary meaning", the meanings of words that belong to a language's vocabulary, there arise "non-vocabulary meanings" (such as hangs, green, and writes).

Parece, então, que não há possibilidade, em um composto metafórico deste tipo, de se discutir aonde recai com mais clareza a carga figurativa, uma vez que o composto deve ser visto como um todo. Talvez aí esteja mais uma razão para que esse tipo de formação tenha uma produtividade tão pequena.

Poucas palavras foram encontradas desse tipo de formação: boa-praça, boa-vida, bonito-cachorro 'peixe', meia-água, pouca-sombra, meia-idade, gentil-homem, livre-atirador, cara-metade.

3.2.5 A Formação Verbo + Substantivo (V+S)

A formação V+S apresentou-se como muito produtiva em língua portuguesa. Nos exemplos do corpus a ser apresentado por mim, o substantivo é sempre objeto direto do verbo; conclui-se que os verbos que entram na estruturação desses compostos são transitivos diretos. A análise semântica revela que esses compostos são todos exocêntricos.

Certos tipos de construções do tipo V+S em língua inglesa também possuem estas características, mas não todos como mostra BAUER⁷(204/5):

(....) The first of these is where the noun is the direct object of the verb. These compounds are all exocentric (....) The second pattern is where the noun is not the direct object of the verb. These compounds are all endocentric, and the pattern is definitely productive. (....) some recent examples which seem clearly to contain a verb are *dongle-dolly*, *drownproofing*, *goggle-box*.

Vale dizer que LIEBER,⁹² que possui teoria morfológica própria, não considera este tipo de formação em língua inglesa tão produtiva quanto BAUER, independente do substantivo ser ou não objeto direto do verbo.

Esta estudiosa cita Marchand (261), numa nota de página, citação que pode ser esclarecedora:

Marchand (1969, 74) points out that certain transitive verbs seem occur fairly productively in VN compounds like *draw-bridge* (....), whereas other verbs resist such constructions (....) The latter verbs do however occur in their present participle forms (arguably as adjective (....)). Neither Marchand nor I have any principle way of explaining why particular verbs prefer one sort of compound over the other.

Sem querer discutir a proposta de análise apresentada por LIEBER, pois não é a sua teoria a base deste trabalho, voltemo-nos para o processo de formação deste tipo de composto na língua portuguesa.

MATTOSO CÂMARA³⁵(213) diz que a forma verbal do composto V+S é rizotônica (a sílaba tônica está na raiz do verbo), tendo seu radical completado por vogal do tema. Em relação a sua afirmação, apresenta ainda uma nota de página: Explica-se em regra esse modelo de composição pelo emprego substantivo de um imperativo verbal de segunda pessoa do singular com seu complemento; mas, se foi essa a origem, a expansão da estrutura foi condicionada por nova interpretação semântica.

Posso concordar com a afirmação da nota de página de CÂMARA em relação a uma nova interpretação semântica. BASÍLIO⁵(68) diz que há duas possibilidades nos compostos formados pelo processo de composição. A primeira delas é quando o composto apresenta a mesma classe que a sua base e a segunda quando o composto como um todo apresenta outra classe gramatical. Em relação ao corpus apresentado por mim, o segundo caso é o comum, afirmação que pode ser provada com uma análise mais apurada no rol de palavras a serem apresentadas a seguir. BASÍLIO⁵(68-9) diz ainda que a motivação para a mudança da classe gramatical é semântica.

Apesar de as bases dos exemplos serem verbos, a formação final é um composto substantivo.

Ainda em relação a esses compostos, que são todos, no caso, metonímicos, a formação V+S é também vista por FILIPACK²⁰(132), além de outras formações que possuem um verbo em

sua estrutura, como que sendo o verbo que recebe a carga figurativa, mantendo o substantivo seu sentido literal.

Logo no princípio desse subcapítulo foi dito por mim que as formações a serem apresentadas nesse corpus são compostos exocêntricos, não podendo, portanto, apenas o verbo receber a carga figurativa, e sim todo o composto.

Formações do corpus: arranca-rabo, beija-flor, borra-botas 'indivíduo reles', caga-fogo 'arma de fogo', caga-regras 'indivíduo metido a sabichão', cata-jeca 'veículo', cata-mendigo 'operação de limpeza dos mendigos', engana-mamãe 'tipo de maiô', esfola-umbigo 'baile', espalha-brasas 'indivíduos espalhafatoso', espera-marido 'docinho', fura-bolo 'dedo indicador', lambe-botas 'indivíduo bajulador', limpa-triho, papa-figo 'ave', papa-fila 'ônibus', quebra-costelas 'abraço', quebra-pedra 'planta rasteira usada para tratamento de males do rim', tira-gosto 'cachaça ou canapé', vira-bosta 'ave', vira-casaca, vira-lata, entre outras.

3.2.6 A Formação Verbo + Verbo (V+V)

Este tipo de construção é formado pelo processo de justaposição, reduplicando-se o verbo a fim de dar-lhe ênfase especial e é chamado também de composto reduplicativo.

BROBE-ROSE (in: FILIPACK, 133) diz que o composto metafórico (ou metonímico) formado por V+V é muito diverso do composto metafórico (ou metonímico) nominal. Segundo BROBE-ROSE um verbo, seja metafórico ou metonímico, não substitui explicitamente uma outra ação, mas muda um nome num outro por implicação.

FILIPACK²⁰ cita ainda KONRAD (133), que diz que um composto metafórico (ou metonímico) verbal é simplesmente uma criação de uma nova espécie de metáfora (ou metonímia) e não uma passagem do gênero.

Na realidade, em relação ao corpus, essa afirmação de KONRAD tem fundamento: no exemplo lambe-lambe 'fotógrafo ambulante', o composto através de dois verbos, enfatiza o ato de lamber a fotografia, comum para correta revelação da fotografia batida por esse tipo de câmara utilizada por este fotógrafo. Pode-se considerar até este exemplo como uma pseudo-criação do fato.

Cheira-cheira 'bajulador', corre-corre, quebra-quebra, treme-treme 'tipo de planta', esfrega-esfrega, bate-bate 'discussão', pisca-pisca, pinga-pinga, fede-fede, etc., e ainda a combinação VERBO + CONJUGAÇÃO + VERBO em leva-e-traz e tomara-que-caia, podem confirmar, a meu ver, que esse tipo de seqüência, na maioria das formações apresentadas, não substitui a ação, recria-a.

3.2.7 As Formações Pronome + Substantivo (Pron. + S), Numeral + Substantivo (Num. + S), Advérbio + Adjetivo (Adv. + A), Verbo + Advérbio (V + ADV), Substantivo + Verbo (S+V) e Outros

Esses tipos de formações não são muito produtivos em termos de compostos metafóricos e metonímicos, e também não o são, assim me pareceu, na formação de compostos não-figurativos. Mas, a título de ilustração, alguns exemplos, pela ordem apresentada: meu-consolo 'cachaça' (Pron. + S), mil-folhas, onze-horas, três-

cocos 'passarinho', onze-letras 'alcoviteira', (Num. + S), sempre-viva (Adv. + A), ganha-pouco, pisa-mansinho (V+ADV) fogo-apagou (S+V).

Em relação a esse último composto fogo-apagou 'paruru, rola de cor cinza; que na realidade é uma formação onomatopéica, pois o som do nome é produzido pelo canto do pássaro, como em, por exemplo, quero-quero e bem-te-vi, há dificuldades na transformação desse tipo de seqüência S+V em um composto. A esse respeito nos fala com maior propriedade BAUER⁷(205), pois na língua inglesa essa dificuldade também existe:

Again in this group there is the problem of knowing whether the second element is a noun or a verb, but established examples which seem to fit this pattern are nosebleed and sunshine. The pattern does not appear to be productive, but this may be because the second element is usually interpreted as being a noun, as in birth control and nosedive.

Foram encontradas duas formações do tipo S + PRON + V: deus-me-convidou 'motocicleta' e jesus-me-chama 'kombi'. Outras cinco foram encontradas no AURÉLIO e são do tipo S+P+V+S, sendo que as cinco são construções metafóricas exocêntricas: pau-de-amarrar-tripa 'pessoa alta e magra', pau-de-amarrar-égua 'indivíduo desmoralizado em tudo que faz', oiho-de-matar-pinto e oiho-de-secar-pimenta, ambas com a significação 'pessoa de mau olhado', toco-de-amarrar-bode 'pessoa de baixa estatura'.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo que iniciei o estudo dos compostos metafóricos e metonímicos, deparei-me com três verdades:

- a) o estudo da formação de palavras na língua portuguesa está muito aquém da riqueza que esse assunto oferece. As gramáticas tradicionais, na sua grande maioria normativas, fazem-no de uma maneira muito genérica e superficial, dando maior ênfase à derivação do que à composição;
- b) há um estudo bastante amplo sobre a metáfora e a metonímia, sendo que com maior destaque para a metáfora. No entanto, a grande maioria desses estudos realiza-se sob o prisma da Estilística, sendo que há pouco em relação à formação de palavras;
- c) não foram encontrados, até então, estudos referentes aos compostos metafóricos e metonímicos. Esses compostos são considerados produtivos por SANDMANN e BASÍLIO, mas lá não estudados mais atentamente.

Após o estudo pronto e o objetivo acredito que alcançado, pude estabelecer certos princípios a respeito da produtividade desses tipos de compostos.

Num primeiro momento deste trabalho, no Capítulo 2 para ser mais precisa, trabalhei com a mudança, total ou parcial, que certas palavras sofrem no decorrer do seu uso. Há mudança

total quando usamos, por exemplo, a palavra orelhão, que não é mais que o substantivo orelha acrescido do sufixo aumentativo -ão, mas que, em determinados contextos, não significa 'orelha grande' e sim um 'telefone público'. Aliás, quando esta palavra é usada no seu sentido figurado, ela é uma metáfora. Já ocorre a mudança parcial de sentido quando fazemos uso, por exemplo, da palavra encanamento indicando 'conjunto de canos' e não mais o 'ato de encanar'. Nesse capítulo discuti ainda a possível formação de neologismos a partir de neologismos, como na palavra picaretagem 'indivíduo ou embuste de picareta', que foi formada a partir de picareta 'indivíduo que usa de embustes para alcançar favores'. Através do sentido figurado da palavra picareta é que se pôde formar picaretagem.

O objetivo principal deste capítulo foi o de demonstrar, embora de maneira superficial, que o dinamismo da língua é uma constante e o fator semântico contribui muito para esse dinamismo.

Nos capítulos subseqüentes, preocupei-me com uma análise mais apurada dos compostos metafóricos e metonímicos, sendo possível constatar que a metáfora, enquanto processo, é mais facilmente perceptível a nível de formação de compostos, diferentemente da metonímia, que exige um processo mental bem mais elaborado para sua percepção; a maioria dos compostos estudados são exocêntricos, ou seja, todo o composto é figurativo, como em beijo-de-moça, boca-de-forno, bicho-do-mato, cabeça-dura, dedo-duro, língua-de-mulata, pé-de-moleque, entre outros; a seqüência mais comum na formação desses compostos é S+P+S, seguida pela formação V+S; a grande maioria dos compostos que formam o corpus são formações popu-

lares, ou seja, geralmente são criados e ocorrem em uma linguagem informal; a sensação maior de novidade, no meu ponto-de-vista, ocorreu nos compostos que designam indivíduos (p.39), sendo esse tipo de formação muito produtivo, seguida, em relação à produtividade, pelos compostos que designam plantas e árvores (p.41).

Acredito que nem todos os aspectos deste trabalho foram desenvolvidos exaustivamente como mereciam, pois um estudo sob o prisma da semântica torna-o-ia mais completo. Essa assertiva fica como sugestão do uso dessa investigação para novos temas, como por exemplo, o estudo de formações figurativas através do processo de derivação.

NOTAS DE REFERÊNCIAS

¹DOSTOIEVSKI, Fédor. Noites brancas. Tradução de Carlos Louvres, Ed. América do Sul, 1988, Chile, p.12.

²In: HARRI MEIER, 17, Littera.

³DELAS, Daniel e FILLIOLET, Jacques. Linguística e poética. In: FILIPACK, op.cit. p.76.

⁴PEREIRA, Isidro. Dicionário grego-português e vice-versa. Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1976, 369.

⁵JAN M.G. Aarts and Joseph R. Calbert. Metaphor and non-metaphor: the semantics of adjective-noun combinations. Tübingen: Niemeyer, 1979-

⁶TREVISAN, Dalton. Virgem Louca, Loucos Beijos. In: Virgem Louca, Loucos Beijos. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1979.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ARANOFF, M., 1976. Word formation in generative grammar. Cambridge: The Mit Press.
- 2 AURÉLIO (s.u. FERREIRA).
- 3 BACK, E. e MATTOS, G., 1972. Gramática construtural da língua portuguesa. São Paulo: FTD.
- 4 BARBOSA, M.A., 1981. Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo. São Paulo: Global Editora.
- 5 BASÍLIO, M., 1987. Teoria lexical. São Paulo: Ática.
- 6 _____, 1986. A Função Semântica na Substantivação de Adjetivos (Morfologia, Lexicologia, Semântica). Em: Delta 2 (37-55).
- 7 BAUER, L., 1983. English word-formation. Cambridge: University Press.
- 8 BECHARA, E., 1983. Moderna gramática portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- 9 BORBA, F.S., 1976. Pequeno dicionário de Lingüística Moderna. São Paulo: Nacional.
- 10 BREDIN, H., 1984. Roman Jakobson on Metaphor and Metonymy. Em: Philosophy and Literatura 8 (89-103)
- 11 CARNEIRO, R., 1955. Serões gramaticais. Bahia: Progresso.
- 12 CHALHUB, S., 1987. Funções da linguagem. São Paulo: Ática.
- 13 COHEN, J., 1974. Estrutura da linguagem poética. São Paulo: Cultrix.
- 14 CUNHA, C. e CINTRA, L., 1985. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 15 DINSMORE, J., 1982. Metaphor and Non-Metaphor: the semantics of Adjective-Noun Combinations. Em: Journal of Pragmatics 6 (49-53).
- 16 DROSTE, F.G., 1982. Metaphory as a Paradigmatic Function. Em: Poetics 11 (203-211).
- 17 DUCROT, O. e TODOROV, T., 1972. Dicionário das ciências da linguagem. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- 18 ECO, U., 1974. As formas do conteúdo. São Paulo: Perspectiva.
- 19 FERREIRA, A.B. de H., 1986. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 20 FILIPACK, F., 1984. Teoria da metáfora. Curitiba: Livros HDV.
- 21 GAUGER, H.M., 1968. Determinado e Determinante da Palavra Derivada. Em: BREKLE, H. & LIPKA, L. (eds.). Formação de palavras, sintaxe e morfologia (93-108). The Hague/Paris.
- 22 HARRISON, B., 1986. The Truth About Metaphor. Em: Philosophy and language 10 (38-55).
- 23 HAWKES, T., 1971. Metaphor. London: Methuen & Co Ltd.
- 24 HJEMSLEV, L., 1975. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. São Paulo: Perspectiva.
- 25 HENRY, A., 1975. Metonímia e metáfora. Torino: Giulio Ernandi.
- 26 JACKENDOFF, R., 1975. Morphological and Semantics Regularities in the Lexicon. Em: Language 51 (639-671).

- 27 JAKOBSON, R., 1971. Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix.
- 28 JANUSA, R. and BEVER, T.G., 1985. Processing of Metaphoric Language: An Investigation of the Three-Stage Model of Metaphor Comprehension. Em: Journal of psycholinguistic research 14 (473-487).
- 29 JUBRAN, C.C.A.S., 1985. A Metáfora e a Metonímia na Linguagem da Propaganda. Em: Grupos de estudos linguísticos 10 (27-31).
- 30 LAKOFF, G. and JOHNSON, M., 1980. Metaphor: We Live By. Chicago: The University of Chicago Press.
- 31 LEVIN, J.I., 1977. The Structure of the Metaphor. Em: Soviet semiotics by Daniel P. Lucid. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- 32 LIEBER, R., 1983. Argument Linking and Compounds in English. Em: Linguistics inquiry 14 (251-265).
- 33 LYONS, J., 1979. Introdução à linguística teórica. São Paulo: Nacional.
- 34 MATTHEWS, P.H., 1982. Morphology an introduction to the theory of word-structure. Cambridge: University Press.
- 35 MATTOSSO CÂMARA JR., J., 1979. História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão.
- 36 _____, 1983. Estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Vozes.
- 37 MICLĂU, P., 1970. Le signe linguistique. Paris: Edition Klincksieck.
- 38 MOISÉS, M., 1977. A criação poética. São Paulo: Melhoramentos.
- 39 MOTA, M., 1969. Princípios fundamentais da história da língua. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- 41 SAID, A.M., 1984. Gramática secundária da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos.
- 42 SALOMAN, L.B., 1971. Emotive Association, Euphemism, Taboo. Em: Reading about language. Editado by Charlton Land and Robert M. Gonell, Harcourt Brace Jovanovich Inc.
- 43 SANDMANN, A.J., 1989. Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo. Curitiba: Scientis et Labor: ícone.
- 44 SILVEIRA BUENO, F., 1951. Tratado de semântica geral. São Paulo: Saraiva.
- 45 VILELA, M., 1979. Estrutura léxica do português. Coimbra: Livraria Almediana.